



Extrema velocidade e poder de ataque são as características destas lanchas torpedeiras

EM GUARDA

Para a defesa das Américas

ANO 1 N. 8





PREPARANDO PARA O ATAQUE

UNIDADE E OFENSIVA PARA A VITÓRIA

TROPAS dos Estados Unidos, que constituirão milhões, já se movimentam para assumir posição em várias linhas de frente, em diversas partes do mundo, prontas para o ataque contra as hordas bárbaras da Alemanha e do Japão.

No sudoeste do Pacífico, na China e na Índia, no oriente médio e nas Ilhas Britânicas, onde quer que se possa encontrar o inimigo, essas forças assumem suas posições estratégicas, reunindo-se em número cada vez maior, a considerável distância da pátria, mas firmes na determinação de lutar até o extremo, até a vitória final.

Confraternizam em outras terras com camaradas de outras raças, falando outras línguas, mas reunidos numa luta comum contra forças da conquista e da servidão, numa luta que se ativa para manter o inimigo à distância das plagas do Novo Mundo, como a melhor garantia para a preservação do futuro das Américas.

Grande também é a movimentação de armas, produtos dos mais modernos do engenho humano, oriundos desse gigantesco arsenal que são os Estados Unidos. Ao aceitar o repto lançado pelos trucidadores das liberdades humanas, a nação que maiores progressos industriais tem feito no mundo, reuniu todos os elementos da sua grandeza, para contribuir com decisivo apoio material aos povos livres da terra em sua tremenda luta contra os agressores. O volume dessa produção bélica assume proporções que já começam a escapar à imaginação humana. E a sua expedição para as frentes de batalha visa não somente suprir as forças americanas como as de todas as Nações Unidas.

Homens e armamentos — tais são os ingredientes da vitória. E os Estados Unidos estão fornecendo ambos, e continuarão a fornecê-los em quantidade e qualidade que as suas imensas potencialidades permitem.

Em três meses, os efeitos já são aparentes nas perdas inimigas. E a proporção que o país atinge o máximo de sua força combativa, em ação conjunta

com as demais Nações Unidas, o ataque irá fazendo sentir-se nos centros da resistência inimiga, até consumir-se a destruição do militarismo alemão e japonês. Em cada setor dessa guerra que se alastra pelo mundo inteiro, a ação militar e a estratégica das Nações Unidas assumem rapidamente um aspecto de perfeita unidade. Esta consistência de ação enquadra-se nos princípios básicos estabelecidos para os setores políticos e econômicos.

Unidade e ofensiva, constituem o propósito das Nações Unidas em toda parte. Na Austrália, o fato de entregar-se a um americano, o general Douglas MacArthur, o supremo comando das forças aliadas na região sudoeste do Pacífico, imprimiu força e unidade a todas as forças das Nações Unidas que se encontram combatendo nesse importante setor. Com MacArthur, acham-se consideráveis forças navais e aéreas e grande quantidade de material bélico. Mais tropas e armamentos estão seguindo, em comboios, para a Austrália, com o fim de iniciar a formidável ofensiva contra o Japão, ação delineada pelo general MacArthur logo após a sua chegada à Austrália.

ESSE intrépido guerreiro mereceu aclamação unânime de parte de todos os povos livres, pela sua memorável defesa contra os japoneses nas Filipinas. Ele deixou aquele sangrento campo de batalha das regiões de Bataan, unicamente em cumprimento a ordens expressas e urgentes do Presidente Roosevelt, a-fim de assumir a direção de uma campanha ainda maior. A fama por ele grangeada nas ilhas Filipinas foi inegavelmente brilhante confirmação do seu passado de militar, cuja fé de ofício é uma demonstração notável das suas qualidades de comando.

MacArthur enfrenta agora tarefa de tremendas proporções. Transformar o deserto e as selvas das regiões do norte da Austrália em grande centro de operações militares, com o objetivo de repelir o ataque dos japoneses e realizar a contra-ofensiva, é

trabalho que envolve enorme esforço e considerável quantidade de material bélico. Armas e munições e milhares de aeroplanos tiveram de ser transportados dos Estados Unidos, em comboios, debaixo de toda precaução e vigilância, através de mais de dez mil milhas de mares arriscados.

Essa rota dos comboios está naturalmente sendo espreitada continuamente por submarinos japoneses, e só mesmo devido à extraordinária escolta de unidades navais torna-se possível percorrê-la com relativa segurança. Este tem sido o caso, e os Estados Unidos estão enviando tropas e material bélico que estão a chegar ao seu destino, de conformidade com os planos estabelecidos pelas autoridades militares.

Como medida a mais para a garantia da unidade de ação e ajuda ao general MacArthur, criou-se em Washington o Conselho da Guerra no Pacífico, do qual são membros, representantes dos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, China, Holanda, Canadá e Grã Bretanha, todos países conjugados em seus esforços para fazer a guerra ao Japão. O fim do conselho é manter e animar perfeita união de vista entre as nações aliadas, desenvolvendo assim a maior colaboração possível em seus objetivos.

Em Burma, aviadores dos Estados Unidos, organizados voluntariamente em esquadrilha que denominam "Tigres Voadores", já têm marcado inúmeros sucessos contra forças japonesas numericamente superiores. Seu comandante é o ex-capitão do exército americano Claire J. Chennault, e que agora é brigadeiro nas Forças Aéreas Chinesas.

Em seu primeiro encontro com os japoneses, os Tigres perderam quatro aviões, e o inimigo seis. No segundo histórico encontro, abateram eles 20 do total de 78 aviões japoneses, sem sofrerem perda alguma. Encarniçou-se então a luta. Mesmo com inferioridade numérica de um a dez, os infatigáveis Tigres Voadores abateram 400 aeroplanos inimigos, dentro de poucos meses, havendo os japoneses perdido, mortos em combate, cerca de 800 aviadores. Nas Filipinas, o general MacArthur deixou como



O Conselho da Guerra no Pacífico em sua primeira reunião, sob a presidência do Presidente Roosevelt. Da esquerda para a direita: T. V. Soong (China), Walter Nash (Nova Zelândia), Herbert Evatt (Nova Zelândia), Visconde Halifax (Grã Bretanha), Presidente Roosevelt, Hume Wrong (Canadá), Alexander Loudon (Holanda) e Harry Hopkins (E.U.A.)

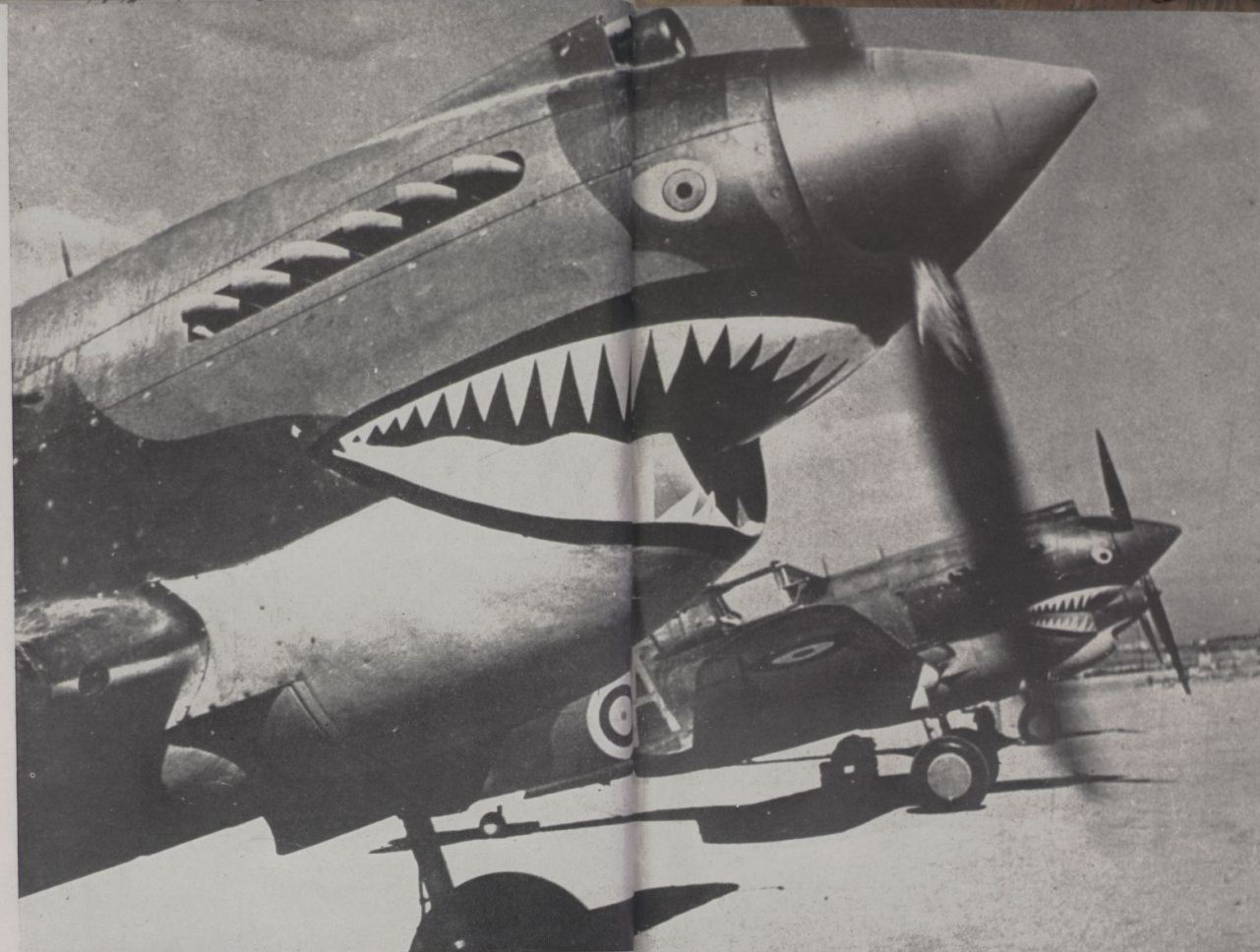
seu substituto no comando geral das forças combatentes, o general Jonathan Wainwright, um chefe militar perfeitamente familiarizado com a arte da guerra, à maneira de MacArthur. Os incessantes e formidáveis ataques das tropas japonesas, em número consideravelmente maior, encontraram as forças do general Wainwright com a mesma disposição e tenacidade que haviam demonstrado desde os primeiros assaltos.

Na China, as forças americanas lutam ao lado do heróico povo chinês, na sua tremenda resistência de dez anos. O general Joseph W. Stilwell, do exército americano, é o comandante em chefe das forças chinesas, sendo ainda chefe do estado-maior do generalíssimo Chiang-Kai-Shek. As tropas do general Stilwell estão empregando a tática denominada "contra-infiltração", isto é, opondo-se aos japoneses por meio do método usado por estes, de ganharem terreno avançando de gatinhas. Stilwell encontra-se em posição estratégica para organizar, com bases na China os ataques contra as japonesas.

Dos Estados Unidos, abastecimentos e material bélico estão sendo transportados por via aérea através das selvas africanas, para a Índia e China, num percurso de 22.500 quilômetros. Forças americanas acham-se estacionadas ao longo desse percurso, em pequenos grupos, cada um organizado em posto militar, isolado do resto do mundo, a não ser pela presença de aviões, periodicamente. Outras tropas dos Estados Unidos, juntamente com as inglesas, encontram-se estabelecendo linhas de comunicações através das selvas da África, do oeste a leste e para a China.

Na Grã Bretanha mais forças americanas estão estacionadas nesse setor que constitui a base principal de operações das Nações Unidas na Europa. As forças dos Estados Unidos aí acham-se sob o comando do general James E. Chaney.

A poucas centenas de milhas através do Atlântico e cerca do Hemisfério Ocidental, estão a Islândia e a Groelândia, guarnecidas por tropas americanas, e que constituem uma barreira contra qualquer movimento alemão contra o Novo Mundo. À esquadra cabe o encargo de comboiar o transporte de



A famosa esquadilha de caça dos "Tigres Voadores", composta de aviões e pilotos Estados Unidos, alcançando formidáveis sucessos, ao lado dos chineses na Birmânia



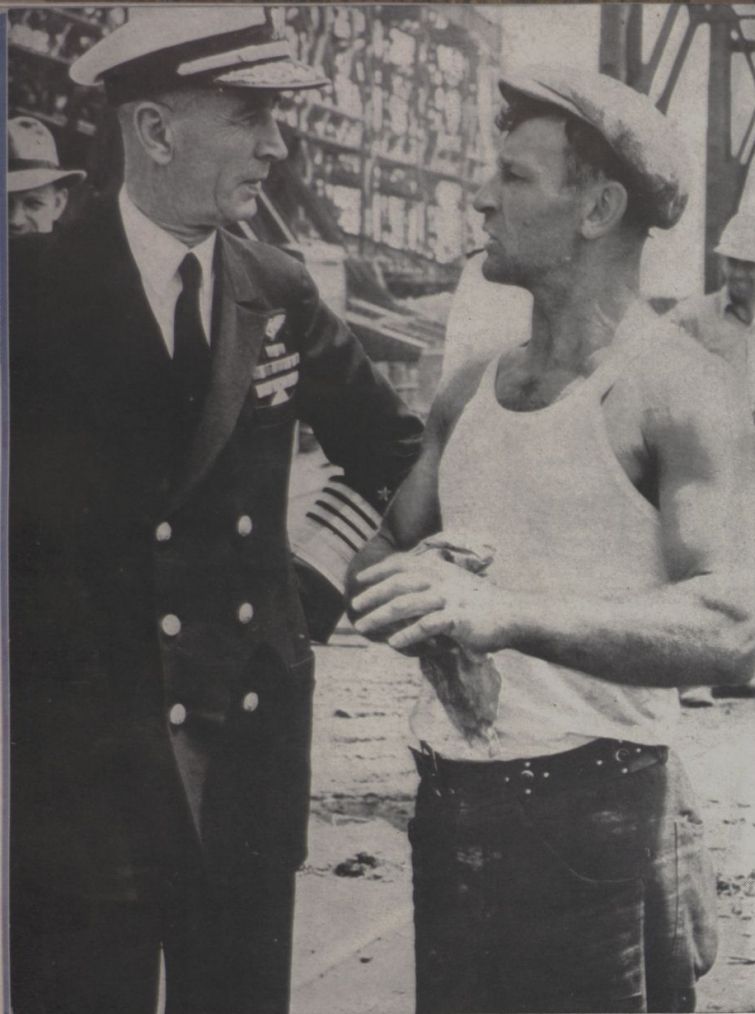
A guarnição de uma "Fortaleza Voadora" americana, ora na Austrália



Alguns pilotos americanos da famosa "Esquadilha da Águia", combatendo com a Real Força Aérea, na Inglaterra, seguem para um assalto contra os alemães



O general Russell Hartle, comandante das forças norte-americanas na Irlanda do Norte, passa em revista suas tropas. Essas forças estão sendo aumentadas



"Vocês constróem os navios para nós combatermos nêles", diz ao operário, o almirante King



Um porta-aviões (ao centro) por ocasião de formidável ataque de forças aéreas japonesas durante um assalto levado a efeito pela esquadra americana do Pacífico. Por cima do porta-aviões distingue-se o efeito das baterias anti-aéreas



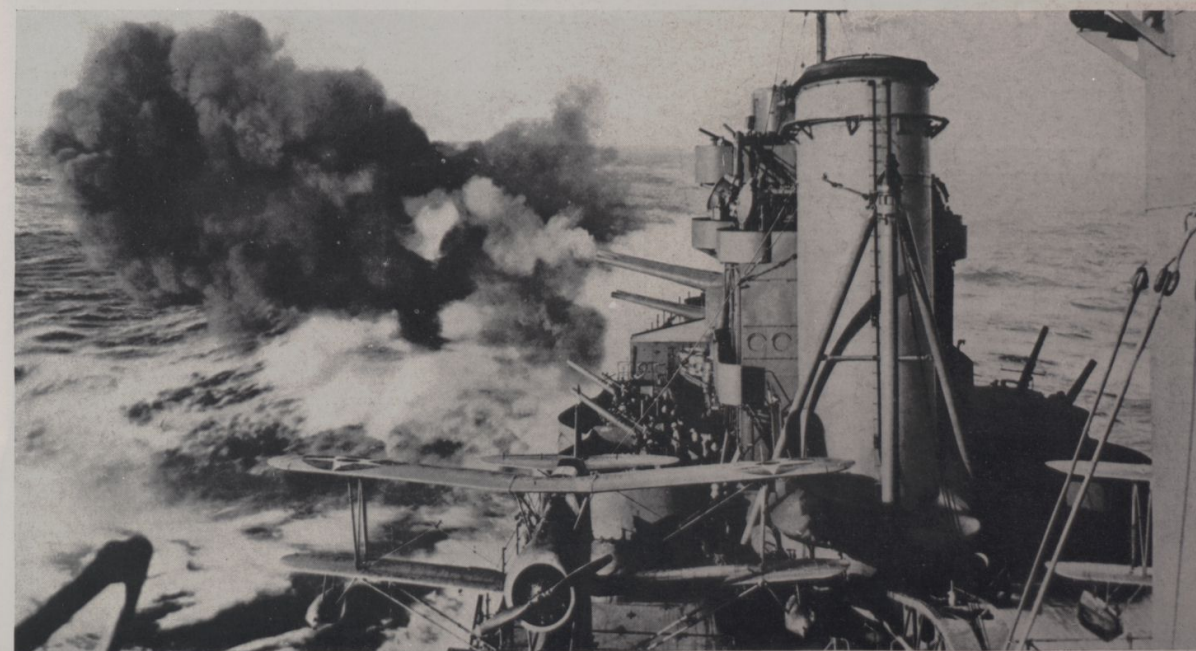
O alto comando recentemente reorganizado, do Exército dos Estados Unidos. Da esquerda para a direita (sentados): General H. H. Arnold, comandante da Aviação Militar; general G. Marshall, chefe do estado maior; general Lesley McNair, comandante das forças de terra. De pé: General J. T. McNamara, chefe da Junta de Reorganização do Departamento da Guerra, e general B. B. Somervell, chefe da Intendência da Guerra

milhares de soldados de tôdas as armas e material bélico destinadas a tôdas as partes do mundo. Embora as distâncias a percorrer sejam extraordinariamente longas — 10.000 milhas de San Francisco da Califórnia à Austrália, 15.000 milhas à volta da África com rumo à Índia — e os riscos de ataques submarinos sejam evidentes, a constante e crescente remessa de homens e material que chega ao seu destino, em bases das Nações Unidas, comprova o êxito da incumbência confiada à marinha de guerra.

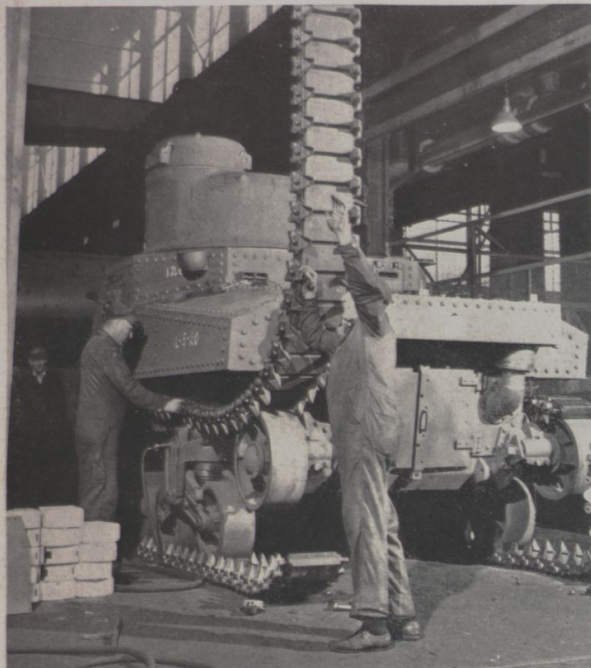
Fôrças navais e aéreas americanas levaram a efeito severos ataques contra os japoneses, nas ilhas Gilbert, Marshall, Marcus e Wake, infligindo-lhes consideráveis perdas. A marinha tomou parte também na batalha de Java, e no encontro ocorrido no estreito de Macassar, e tem atacado sucessivamente fôrças nipônicas numericamente superiores, ao largo da Nova Guiné, e destruído várias unidades de guerra inimigas, transportes e aviões.

Na guerra submarina ao largo da costa do Japão, unidades navais têm causado grandes danos, interrompendo linhas inimigas de comunicações e abastecimentos. Concomitantemente, unidades da esquadra têm-se mantido alertas em ação conjunta com a esquadra inglesa, afim de evitar que navios de guerra alemães alcancem o Atlântico, impedindo-lhes assim qualquer possibilidade de ataque. Com os recursos que pode afastar de outras partes, a marinha mantém ainda intensa vigilância nas costas do continente americano, sobretudo em áreas estratégicas como as do Hawai e do canal do Panamá, no Pacífico, e no mar das Antilhas, no lado do Atlântico.

Dêsse ativo de guerra ressalta a realização do propósito de manter o inimigo à distância, enquanto se consubstancia a grande ofensiva que há-de alcançar completa vitória.



Durante o ataque de um cruzador norte-americano a fôrças japonesas que ocupavam a ilha Marcus, no Pacífico. Essa ilha fica a apenas mil milhas de Tóquio



Das fábricas de Detroit já estão saindo possantes tanques—para a ofensiva



O último automóvel de uma era. Agora, esta fábrica irá produzir armamentos



Antes, a especialidade desta operária era a montagem de trens de brinquedo

DE TUDO PARA A GUERRA

A conversão de milhares de fábricas nos Estados Unidos, grandes e pequenas, da manufatura de mercadorias de consumo civil, para a produção de material de guerra, envolve um verdadeiro problema industrial de gigantescas proporções, mas que está sendo solvido com rapidez que seria impossível há um ano atrás.

A necessidade de toda a capacidade produtiva do país para o esforço de guerra, e a falta de matérias primas para continuar a produção de mercadorias não-essenciais, obriga numerosas fábricas a aplicar todos os recursos de imaginação e maestria na adaptação de suas máquinas, operários e administração para produzir armamentos.

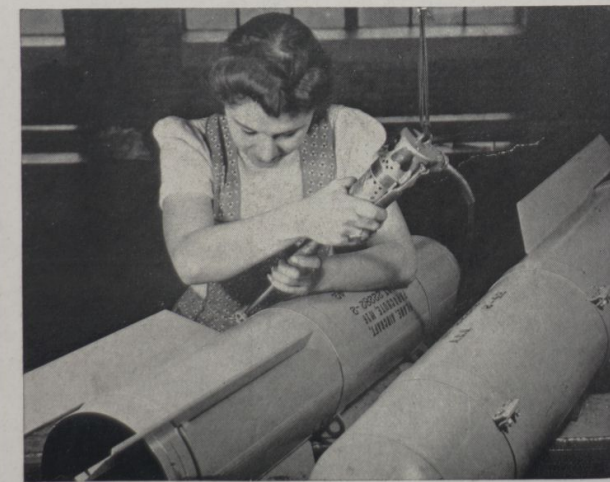
Animados pelo sucesso alcançado por esses pioneiros, outros milhares de pequenos manufatureiros prepararam-se para fazer o mesmo. Máquinas que produziam pequenos objetos de uso corrente anteriormente à guerra, acham-se atualmente fabricando importantes complementos de peças para canhões, aviões, tanques e motores, além de centenas de outros pequenos artigos essenciais.

A conversão representa enorme adição de máquinas ao arsenal bélico da nação, rápida e eficientemente, sem a necessidade de construir-se novas fábricas. Representa também uma redução cada vez mais avultada, no consumo civil, de produtos que terão de ser sacrificados para enfrentar-se as exigências da manufatura de guerra. É uma deslocação industrial que afeta naturalmente um público acostumado a detalhes de confortos, mas que está compreendendo a natureza do propósito e adaptando-se, por sua vez, à situação que a emergência vem impôr.

Para apressar o processo da conversão, e usar de toda parcimônia na aplicação de matérias primas essenciais à defesa, a Junta de Produção de Guerra, está expedindo uma série de ordens limitando ou suspendendo completamente a manufatura de artigos que até então eram considerados quase que parte integrante da vida cotidiana.

Dentre as conversões mais importantes, destacam-se a da indústria de automóveis, de refrigeradores elétricos, rádios, máquinas de lavar roupa, utensílios de alumínio e de borracha. Mas, continuamente, outras fábricas cujos produtos eram totalmente alheios a qualquer aplicação a armamentos, submetem-se à conversão, encontrando-se sempre uso apropriado de suas atividades para aumentar a produção de tudo que se torna necessário às forças combatentes. A 13 de Setembro do ano findo, foi expedida a primeira ordem restringindo a produção de automóveis de passageiros. Outras limitações seguiram-se até que, a 20 de Janeiro deste ano, a sua manufatura foi completamente suspensa, pondo assim à disposição da indústria de guerra milhares de toneladas de materiais estratégicos valiosíssimos para a maquinaria de guerra. Foi essa uma drástica medida para um país que dispõe de quase trinta milhões de automóveis, e cujo progresso tanto deve às suas grandes facilidades de transportes cada vez mais desenvolvidas pelo uso desses veículos. A situação, entretanto, impunha essa providência.

Em rápida sucessão, outras restrições seguiram-se. Rádios, fonógrafos, mobiliário de metais, instrumentos musicais, máquinas de escrever e outras máquinas de escritório, aparelhos e objetos nos quais se aplicam o bronze, cobre e celofane (produto de fenol, clorina e glicerina necessário para explosivos), aspiradores de vácuo, maquinismos para lavanderias, folhas de chumbo e estanho para envólucros de produtos alimentícios e fumo, e dezenas de outros produtos acham-se



Agora, com as mesmas ferramentas, monta bombas luminosas para forças aéreas



Nestas enormes oficinas, onde, anteriormente se fabricavam locomotivas e material ferro-viário, fabricam-se atualmente possantes canhões de longo alcance



Matéria prima na fabricação de explosivos: jornais velhos arrecadados quando a pilha chega à altura do cabo de vassoura



Até o metal de bisnagas de pasta dentífrica é utilizado de novo para a fabricação de petrechos de guerra



A bainha inglesa para homens é excesso em tempo de guerra. O governador da Califórnia abre mão de suas bainhas

sujeitos a suspensões e restrições. E devido ao declínio em seus negócios, os fabricantes desses artigos, grandes e pequenos, estão geralmente fazendo suas conversões para a produção de material de guerra.

As pequenas fábricas dos Estados Unidos — há 178.272 delas com menos de 250 empregados cada uma — representam 48% dos operários industriais, 43% dos salários pagos e 47% do volume em dólares de mercadorias produzidas em tempos normais. Os maquinismos, operários e capacidade administrativa dessas fábricas constituem as fontes mais ao alcance para o imediato desenvolvimento da produção bélica. Integradas com a manufatura de novas fábricas construídas especialmente para atender às necessidades da guerra, as pequenas indústrias estão desempenhando importante parte no programa bélico.

Exemplo da conversão que ora abrange indústrias grandes e pequenas, encontra-se numa pequena fábrica de termômetros. A eficiência dos operários na fabricação de termômetros, termóstatos, etc, tornou muito simples a mudança para a produção de arranques para projetéis. Noutra fábrica, que se dedicava à produção de conteúdos de aço inoxidável para bebidas, a habilidade de seus trezentos e tantos operários aplicou-se prontamente à manufatura de cilindros de oxigênio para aviões bombardeiros, em seus vãos a grandes altitudes. Esta conversão fez-se sem haver interrupção no serviço das máquinas nem desemprego temporário de operários.

Um dos maiores fabricantes do mundo de maquinismos e acessórios para parques de diversões, transformou-se rapidamente para a fabricação de matrizes e acessórios para a produção de tanques e reparos de canhões, assim como para ferramentas e matrizes para a fabricação de aviões.

Há dois anos muitas pequenas fábricas numa cidade do este achavam-se em desenvolvida produção de frigideiras de alumínio, mostradores de rádio e peças de controle. Atualmente, de suas oficinas expande-se a produção de espelhas de percussão e grande variedade de peças de uso indispensável em aviões.

Outras fábricas, que anteriormente especializavam-se na construção de motores e ventiladores elétricos, encontraram imediata aplicação de seus maquinismos para o preparo de armamentos, com o mínimo de tempo empregado na adaptação. E sempre que lhes faltavam máquinas para atender a trabalhos especiais, ferramentas foram improvisadas para a transformação de outras máquinas e organização do seu equipamento. Uma dessas fábricas encontra-se atualmente fornecendo grande quantidade de máquinas eletromotrizas para os canhões de torre em aviões de combate.

Um manufatureiro de máquinas registradoras, não perdeu tempo em adaptar seus maquinismos de mais de trinta anos, a fim de concorrer para os trabalhos de guerra. E com pequenas alterações, suas máquinas estão presentemente fabricando valiosas peças de níquel para aplicação em armas de artilharia.

A lista é ilimitada do número de fábricas que estão passando de seus trabalhos normais de tempo de paz, para a produção de armamentos. Não existe no equipamento de um soldado, de uma arma ou de qualquer acessório militar, nada que não possa sair, com pequenas variações, de fábricas que se encontravam ativas produzindo desde alfinetes de fralda até complicadas máquinas para fazer sorvete e "ice cream", e grande variedade de produtos.

A distribuição da produção de guerra por tão elevado número de fabricantes grandes e pequenos, sincroniza agora os trabalhos num ritmo de contínua atividade, dia e noite, aumentando cada vez mais a produtividade ilimitada do formidável arsenal de guerra que está sendo todo o conjunto da indústria dos Estados Unidos.

A enorme necessidade de matérias primas para serem transformadas em armamentos tem, naturalmente, restringido a produção de artigos de consumo geral, afetando, portanto, a vida cotidiana da população inteira. Até onde irá o rigor dessa restrição, ainda é cedo para determinar-se, mas sejam quais forem os seus extremos, não resta dúvida que o público já está preparado para enfrentá-los de boamente. Em cada sacrifício há a certeza de uma contribuição para a causa da vitória.

Todos começam a compreender o alcance da mobilização total, objetivo que se traduz em conseguir o máximo de tudo que for indispensável para manter o país em perfeitas condições de sustentar a guerra e todas as consequências dela derivadas.

Segundo declaração do chefe da Junta de Produção de Guerra, Donald Nelson, dentro de três meses a manufatura de todas as mercadorias duráveis de consumo público será convertida para o trabalho bélico. E quanto às fábricas que empregam metais estratégicos, a sua conversão deveria dar-se dentro de poucas semanas.

Mas para ter-se ligeira idéia do resultado das limitações na manufatura de artigos a que o público já se acostumou a ter à sua disposição, vale referir à série comum encontrada nas lojas de ferragens — desde utensílios de cozinha até petrechos usados para jardinagem. Dessa limitação resulta uma economia de 750.000 toneladas de ferro e aço que passarão a ser empregadas na indústria de guerra.

Quanto à conservação de materiais estratégicos, seus "stocks" aumentam não somente em virtude da restrição forçada às suas aplicações na indústria civil, como no emprego de processos destinados a aproveitar tudo quanto é possível.

A iniciativa técnica-industrial tem proporcionado recursos ilimitados nesse sentido. Através de tratamento especial de latas usadas, conteúdos de produtos alimentícios, por exemplo, a indústria está conseguindo 2.000 toneladas de cobre mensalmente, para novas aplicações.

Na indústria de aviação aperfeiçoou-se a aplicação do aço ao carbono e madeira em lâminas na fabricação de aeroplanos, com uma economia de 50% em ligas essenciais de alumínio. Aviões de treinamento estão sendo construídos de matéria plástica e madeira em lâminas, conservando-se assim magnésio e alumínio para outros fins mais urgentes.

Até a moda, reduzindo seus estilos, contribui para a valiosa conservação de materiais. A eliminação da "bainha inglesa" em calças de homens é um exemplo: 21 pares de bainhas fornecem fazenda bastante para um uniforme militar. E a simplificação da moda feminina acarretará uma economia mínima de cem milhões de metros de fazenda.

A fim de conservar estanho, todos quantos queiram comprar pasta de dentes, sabão de barba e outros produtos acondicionados em bisnagas desse metal, terão de restituir os tubos usados. Com o papel, o interesse em juntar jornais velhos para serem novamente usados na fabricação de explosivos, demonstra a necessidade da conservação imposta ao público por esta guerra total, ainda apenas em início.

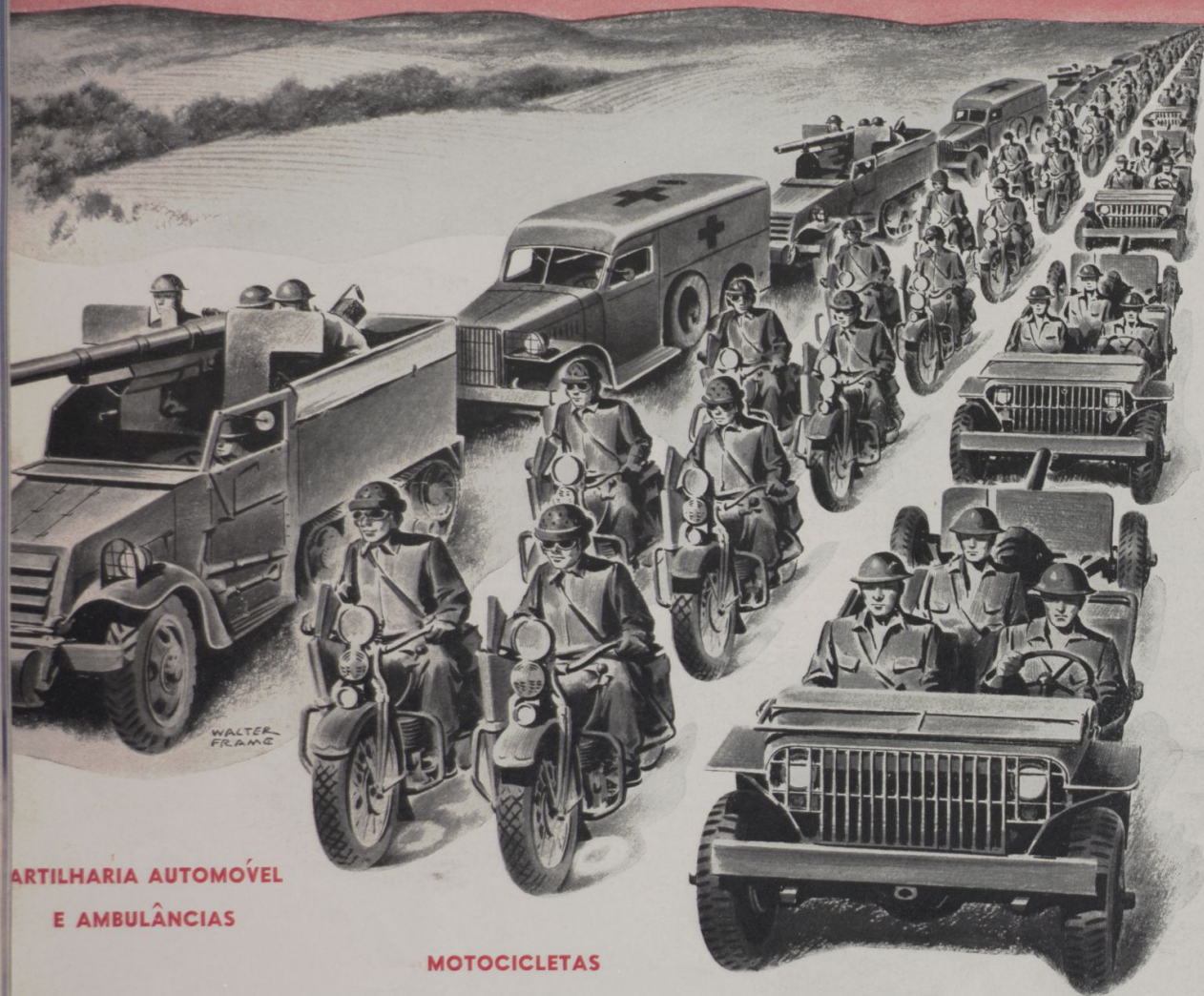


Aspecto de uma fábrica de automóveis há pouco convertida para a produção de guerra: tubos de descarga para aviões de bombardeio são agora ali fabricados por métodos de produção em série, em trabalho contínuo, de milhares de tubos por dia

Ferro velho está tendo nova e urgente uso na insaciável indústria bélica, conforme se verifica na gravura abaixo. Carradas de objetos inservíveis, transformam-se atualmente em valioso material estratégico, para a fabricação de armas.



UMA DIVISÃO BLINDADA



ARTILHARIA AUTOMÓVEL
E AMBULÂNCIAS

MOTOCICLETAS

"PEEPS" DE 1/4 DE TONELADA
CANHÕES DE 37 mm.



Oficiais
e Tropa



Pistolas e Clavinetes



Fusis



Metralhadoras
(7,5 mm.)



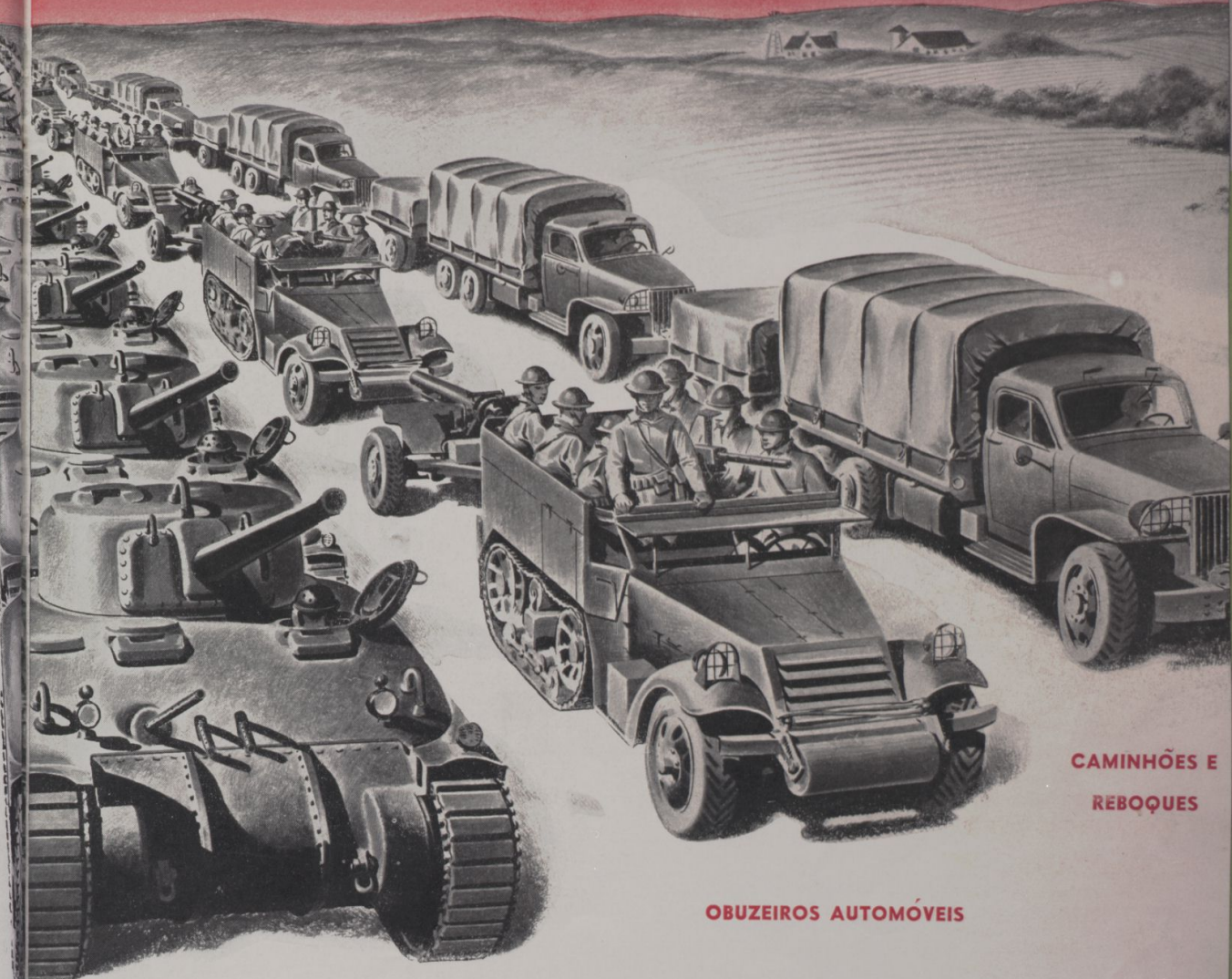
Metralhadoras
e Pistolas
Metralhadoras
(11,5 e 13 mm.)



Morteiros
(60 mm.)



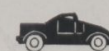
Morteiros
(81 mm.)



CAMINHÕES E
REBOQUES

OBUZEIROS AUTOMÓVEIS

TANQUES



Carros de
Exploração



Transportes
de Pessoal



Botes



Tractores



Pontões



Guindastes

O colosso mecanizado que é uma divisão blindada constitui o que há de mais terrível em potencial de ferro e fogo conhecido da ciência militar. Calcula-se, teoricamente, que a média total de munição capaz de ser usada pelas milhares de armas de uma divisão blindada, num dia de fogo, monta a seiscentas toneladas. A propósito, uma das antigas divisões quadrangulares dos tempos da primeira guerra mundial podia usar apenas

39 toneladas, e uma divisão motorizada triangular de infantaria, apenas 55 toneladas. Esta devastadora concentração de poder ofensivo não se destina a ser desperdiçada em objetivos de segunda ordem. Os centenares de tanques e peças de artilharia pesada, os milhares de metralhadoras leves e pesadas, assim como sub-metralhadoras e fusis de uma divisão blindada são as

lanças e tropas de choque do exército dos Estados Unidos. São para emprego onde quer que a operação possa alcançar resultados finais e decisivos—a completa destruição da resistência do inimigo. A mobilidade das unidades blindadas, que se movimentam montadas em equipamento rápido e fortíssimo, destina-se a proporcionar-lhes toda a facilidade de locomoção nos terrenos mais árduos, dando-lhes com isso

grande latitude de escolha em matéria de direção e método de ataque. As áreas mais adequadas para o emprego característico da divisão blindada são os flancos abertos ou através de brechas feitas pela penetração. E' função dos elementos de reconhecimento da divisão avançar o mais possível à frente da mesma, procurando pontos fracos nas linhas inimigas. Esse valioso reconhecimento alonga-se às vezes num percurso de 225 kms.



Aguardando na fronteira a visita de uma delegação de oficiais do exército mexicano



Ezequiel Padilla, Ministro do Exterior do México, recebe, em sua visita à Wash



ington, as boas-vindas de Sumner Welles, Sub-secretário de Estado americano



O general Tafuya, mexicano, inspeciona um carro blindado do exército americano

LAÇOS DE AMIZADE

“A América inteira enfrenta um novo destino, o destino de, unidos, lutarem seus povos contra todas as adversidades, para dar ao mundo os maiores exemplos de fraternidade, justiça e verdadeira democracia”.

Com essas palavras, Ezequiel Padilla, Ministro das Relações Exteriores do México, descreveu os irrevogáveis objetivos das nações americanas que, direta ou indiretamente, encontram-se resistindo à agressão do Japão e da Alemanha.

Os conceitos do ilustre chanceler mexicano, expressos em sua recente visita aos Estados Unidos, traduzem a ampla significação do papel ora desempenhado por todas as nações americanas em face de um mundo em guerra. Direto resultado dessa significação são os íntimos laços de amizade que as unem, e o seu esforço a bem de uma causa comum.

Simultaneamente com a visita do ministro Padilla a Washington, e comprovante de completo entendimento e perfeita amizade existente entre o México e os Estados Unidos, houve a comunicação oficial de que os dois países iriam negociar acordos recíprocos comerciais. Foi, além disso, anunciada uma série de medidas econômicas que, em linhas gerais, destinam-se a facilitar determinados planos mexicanos de produção industrial de guerra em íntima colaboração com os Estados Unidos. Nas várias providências incluem-se o estabelecimento no

México, de certas indústrias básicas, destacando-se a de aço, de chapas de estanho e refinaria de gasolina de alta prova. As vias férreas mexicanas serão também contempladas com melhoramentos, sobretudo quanto ao seu material rodante. Outro aspecto importante delineado é o que se refere às possibilidades da criação da indústria de construção naval no México.

Para a obtenção de prioridades para maquinismos e outros materiais fabricados nos Estados Unidos, é condição essencial que cada projeto específico contribua para o esforço bélico e para a segurança do Hemisfério Ocidental.

Os acordos agora firmados não são os primeiros a serem compreendidos entre os Estados Unidos e o México. De há anos que, em face de perigos mútuos, tem-se desenvolvido a colaboração de caráter político, econômico e militar entre as duas grandes repúblicas da América do Norte.

Em 1941 foram concluídos acordos de alta significação. Nêles ficaram ajustadas velhas questões referentes a propriedades de terras, outras relativas a propriedades petrolíferas; ajustou-se a estabilização da moeda mexicana, estabeleceu-se a compra feita diretamente ao governo mexicano pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, da prata recém-minada do México; por intermédio do Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos,

créditos foram concedidos ao governo mexicano para facilitar o acabamento da rodovia Panamericana, no trecho que passa pelo México.

Maior cooperação entre as duas repúblicas vizinhas levou-se a efeito com a criação da Comissão Mixta de Defesa México-Americana, a fim de estudar os problemas relativos à defesa mútua. A comissão compõe-se de quatro membros, dois de cada país. Em regra, a comissão propõe aos seus respectivos países medidas cooperativas que, em sua opinião, devem ser adotadas.

Pouco depois do ataque japonês a Pearl Harbor, o governo mexicano solicitou permissão para a passagem de suas tropas por território dos Estados Unidos, em trânsito para a Baixa Califórnia. Aquiescendo imediatamente ao pedido, os Estados Unidos puseram à disposição das tropas mexicanas todas as facilidades necessárias.

A decisão do governo mexicano, mandando reforçar a sua guarnição militar na Baixa Califórnia, foi outra expressiva demonstração de união de vistas por parte de uma nação do Hemisfério Ocidental, interessada por cooperar para a causa da liberdade e justiça contra forças de um insólito agressor.

Quando houve um alarme acerca da presença no golfo do México de submarino inimigo, o comandante do Forte Brown, em Brownsville, no Texas, ordenou o obscurecimento da cidade. Esta medida,

entretanto, seria ineficaz se a cidade vizinha, de Matamoras, no México, permanecesse acêsa. Solicitada a cooperação da autoridade militar mexicana, general Quintero, Matamoras ficou completamente às escuras enquanto durou o alarme.

Ao contrário das nações do Eixo, onde a amizade não vái além de egoísticas alianças militares, no México e nos Estados Unidos o povo compreende que a aproximação de seus respectivos países representa mais do que simples situação fronteiriça.

Ezequiel Padilla, cuja palavra ardorosa e convincente entusiasmou o histórico conclave interamericano do Rio de Janeiro, é um exemplo da força espiritual que está revelando às Américas a grandeza magnífica do seu destino. O preclaro estadista e vigoroso expositor de idéias tem acentuado com inextinguível precisão, o valor da colaboração entre nações cujos povos fazem do gozo de suas liberdades razão primordial para a sua própria existência.

A íntima colaboração reinante entre o México e os Estados Unidos, fortalece a convicção de que na unidade das Américas encontra-se a base para a solução de seus problemas.

Animados pela mesma concepção de Liberdade, os povos americanos enfrentam o seu inevitável destino cultivando o espírito de unidade que aqui tem frutificado mais do que em qualquer outra parte do mundo. Coube ainda a Ezequiel Padilla definir essa circunstância, ao afirmar em recente discurso na União Panamericana, em Washington: “O sangue derramado pelos soldados deste continente une as bandeiras das Américas numa guerra na qual se encontra em jogo a sobrevivência da soberania e de todas as liberdades das nações americanas”.



Um soldado mexicano, na fronteira, experimenta uma máscara americana das mais modernas contra gases

AS AMÉRICAS ESTÃO ALERTAS

OS Estados Unidos confrontam-se com a grande e essencial tarefa militar de reunir suas forças para uma vasta ofensiva o mais breve possível. A reorganização do alto comando, e as alterações nos quadros, decorrentes dessa reorganização, assim como a nomeação do general MacArthur para o supremo comando na Austrália, tudo isso indica o rápido desenvolvimento de uma estratégia de ofensiva que levará a guerra ao inimigo, para derrotá-lo "quando e onde ele for encontrado".

Mas o indispensável para uma estratégia ofensiva dos Estados Unidos é uma bem sucedida estratégia defensiva visando a proteção do continente americano contra qualquer penetração inimiga.

Quando primeiro se iniciou a guerra na Europa, os Estados Unidos, de colaboração com as demais Republicas Americanas, levaram a efeito uma série de providências atinentes a fortalecer o continente americano contra qualquer ataque de fora. De acordo com a Grã Bretanha, os Estados Unidos iniciaram a construção de uma orla de bases navais e aéreas em territórios britânicos que se encontravam em vasto semicírculo desde a Terra Nova, no extremo nordeste do continente norte-americano, até a Guiana Inglesa, na costa setentrional da América do Sul.

No centro desse semicírculo, o sistema defensivo projetado pelo Atlântico até as ilhas Bermudas, permitindo assim possam forças navais e aéreas operar contra qualquer possível invasor a longas distâncias do litoral do Hemisfério.

Na área do mar das Antilhas, as defesas adicionais estabelecem uma cerrada barreira na parte em que o Atlântico mais se aproxima do canal do Panamá, ponto que talvez constitua o local isolado mais estratégico no mundo. A defesa da zona do canal propriamente, tem sido consideravelmente acrescida desde o rompimento das hostilidades, e agora toda razão existe para acreditar os técnicos



Tropas mexicanas, dispoendo de tôdas as armas modernas, encontram-se reforçando a guarnição de Baixa Califórnia, para maior segurança da vasta costa do Pacífico



Uma sentinela norte-americana no antigo e histórico forte de São Cristóvão, em Porto Rico



Em sua nova base situada na costa do Atlântico importante posto avançado da defesa do canal do Panamá, forças dos Estados Unidos mantêm-se em constante alerta

cos militares na capacidade desse importante setor para repelir qualquer ataque. Outras defesas de terra têm sido desenvolvidas convenientemente, e o Corpo de Engenheiros do exército americano está acelerando o acabamento da estrada estratégica que liga os Estados Unidos ao território do Alaska.

Mas, de igual importância para as medidas tomadas pelo governo americano para tornar essas bases verdadeiros obstáculos impenetráveis contra qualquer invasão inimiga, tem sido a colaboração crescente que se tem desenvolvido, política, econômica e agora militarmente entre as nações das Américas. Como providência de efeito prático para tratar dos problemas relativos à defesa das áreas fronteiriças, comissões mistas de defesa, México-Americanas e americano-canadenses foram estabelecidas.

A 30 de Março deste ano, um conjunto de altas patentes do exército e da marinha de várias Republicas Americanas, reunido em caráter consultivo permanente, teve em Washington a sua primeira reunião, constituindo a Junta Interamericana de Defesa. Foi uma reunião tipicamente militar, não lhe faltando nem o ambiente nem a presença de numerosas ordenanças e sentinelas. Os representantes militares centro e sul-americanos, tiveram ocasião de ouvir palavras do Secretário da Guerra, Stimson, e da Marinha, Knox, e do general George C. Marshall, chefe do Estado Maior do Exército,

assegurando completa e final vitória na guerra pela democracia. Respondendo, o general Espinosa, o mais antigo dos oficiais delegados das demais nações americanas, afirmou que o espírito das Américas considerava ser a Liberdade "quasi uma necessidade biológica", e hipotecava todo o apoio dos seus colegas.

A reunião da Junta Interamericana de Defesa estabelece um marco memorável na sempre crescente solidariedade das Republicas Americanas. Há quasi seis anos, em Buenos Aires, representantes de 21 Republicas Americanas reuniram-se na Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz. Em Buenos Aires, as nações americanas aprovaram uma série de princípios destinados à condução ordeira e pacífica das relações entre as nações, e concordaram em consultarem-se mutuamente no caso de qualquer ameaça positiva contra a paz do Hemisfério.

Após a Conferência de Munich, em 1938, representantes das Republicas americanas reuniram-se novamente, em Lima, externando a sua geral preocupação e determinação para tornar efetiva a sua solidariedade caso fosse ameaçada a paz de qualquer uma delas. E quando a ameaçadora tempestade rompeu em toda a sua fúria na Europa, em Setembro de 1939, medidas adicionais de grande alcance para a garantia do continente americano

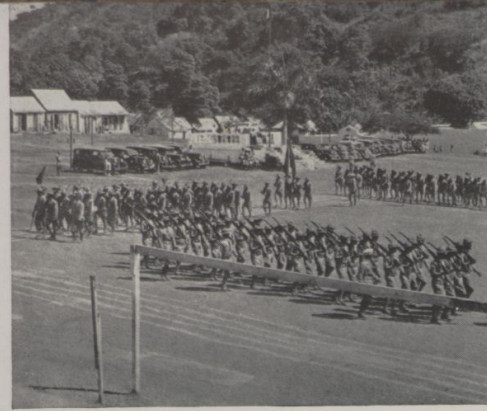
foram tomadas na Reunião de Consulta dos Ministros de Relações Exteriores no Panamá e em Havana.

A 7 de Dezembro, território dos Estados Unidos foi traiçoeiramente atacado pelo Japão, um ato de agressão que as demais Republicas Americanas consideraram como praticado também contra elas, contra a solidariedade e liberdade de todo o Hemisfério. Na histórica conferência do Rio de Janeiro, que então se seguiu ao rompimento das hostilidades no Pacífico, estabeleceu-se um acordo acerca de princípios e objetivos comuns a todas as nações participantes, e de tal maneira como nunca antes fora alcançado por qualquer grupo de nações.

A base dessa valiosa e profunda colaboração de um conjunto de nações que aspiram a realização de seus respectivos ideais nacionais, partilhados por todas, é a constituição de uma sociedade na qual homens livres, em paz recíproca, possam viver e trabalhar e desenvolver suas aptidões naturais da maneira que mais lhes agrada. Este ideal é o ali-cerce comum que se distende sob as diferenças de idiomas, de tradições e de desenvolvimento político e econômico. No Novo Mundo, esse ideal é uma realidade, vital e tangível. Com as Américas mutuamente interessadas em auxiliarem-se na resistência contra qualquer agressão contra esse patrimônio, o seu ideal democrático resplandesce gloriosamente.



Tanques modernos completam as forças do exército peruano, atualmente com todos os seus efetivos consideravelmente aumentados



O Haiti, pela sua especial situação estratégica no mar das Antilhas, está com um bem aparelhado exército para a defesa nacional



A República de Costa Rica, exposta também no Pacífico,



aumentou o seu exército, equipando-o com os modernos armamentos



Cadetes da Escola Militar da Venezuela, cujo exército, dada a situação estratégica dessa república, está aumentando consideravelmente os seus efetivos



No exército da Colômbia, desenvolve-se o conhecimento e aplicação dos mais modernos armamentos automáticos



O Chile sempre manteve um dos mais eficientes exércitos da América do Sul. Aqui vemos um aspecto do garboso corpo de cadetes da sua Escola Militar, um estabelecimento realmente modelar



Aspecto da primeira reunião da Junta de Defesa Interamericana, em Abril, constituída por técnicos militares, navais e de aviação das 21 Repúblicas Am



ricanas, a-fim de traçar um plano de ação conjunta para a segurança do Hemisfério Ocidental. O orador é o general chileno Arturo Espinoza Mújica



Na América inteira alastra-se o interesse pela arma aérea. Aqui vemos cadetes de aviação de Cuba, a pérola das Antilhas, familiarizando-se com detalhes importantes no manejo do para-quêda

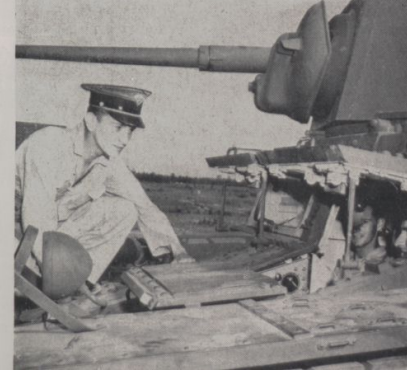
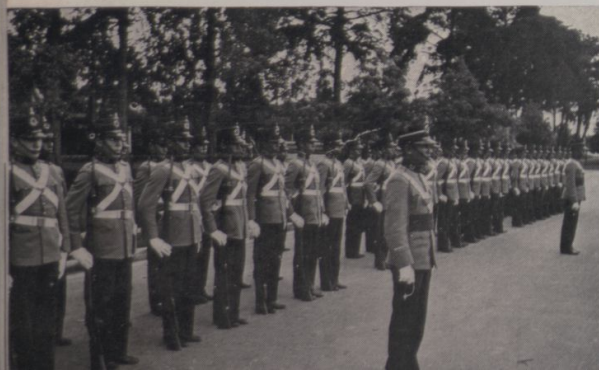
O exército da República da Guatemala, do qual vemos aqui ligeiro conjunto, tem se mantido em perfeito nível de aperfeiçoamento técnico-militar

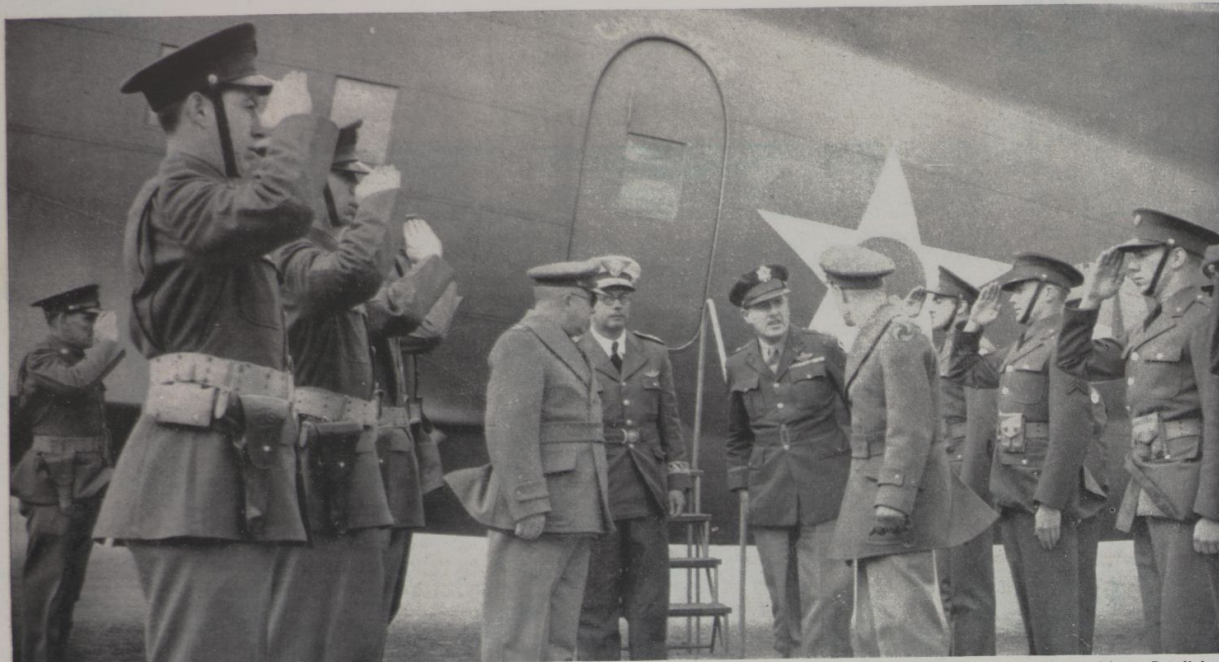
Oficiais do exército do Paraguai, República Dominicana e do Salvador, assistindo a uma preleção a respeito forças blindadas, numa das escolas dessa especialidade nos Estados Unidos

O cadete Olmedo Alfaro, da Escola Militar do Equador, fazendo curso de tanques, em escola dos Estados Unidos

Tanto na República do Panamá como na zona adjacente do canal, suas respectivas tropas mantêm-se em constante alerta na defesa de ambas

O cadete Samuel Bodden, da Nicarágua, mais outro aluno de Tio Sam





O brigadeiro Eduardo Gomes (centro à direita), ao chegar recentemente aos Estados Unidos para receber os aviões de treino destinados às Forças Aéreas Brasileiras

VOANDO PARA O RIO



O capitão Rui Vieira de Souza, da aviação brasileira (à direita), verificando uma carta antes do voo

NA ação conjunta das Américas para dotar o Novo Mundo com impregnável defesa, o Brasil destaca-se pela sua posição importante e estratégica. A preparação aérea é um dos elementos mais vitais para a segurança continental, e a preparação que está sendo ativada no Brasil torná-lo-á um dos baluartes da defesa na área do Atlântico-sul.

A recente visita aos Estados Unidos, do brigadeiro Eduardo Gomes, chefe das Forças Aéreas Brasileiras, acentuou a valiosa e íntima colaboração existente entre as forças armadas das duas grandes nações americanas, ambas mutuamente interessadas por fortalecer ao máximo todos os detalhes de defesa.

Um dos grandes estrato-aviões do exército dos Estados Unidos, sob o comando general Robert Olds, trouxe do Rio de Janeiro o distinto oficial brasileiro para a sua importante e momentosa visita. Após as cerimônias de recepção do brigadeiro

Eduardo Gomes, por altas autoridades da Aviação Militar dos Estados Unidos, teve êle ocasião de fazer interessante inspeção aos vários centros de aviação militar do país.

Durante suas numerosas conferências com altas autoridades administrativas em Washington, detalhes foram assentados para a entrega imediata de cinco novos aviões de treinamento para as Forças Aéreas Brasileiras. Estes são os primeiros aparelhos a serem enviados para o Brasil pelo governo americano, como medida de defesa do hemisfério.

Os aviões foram pilotados por oficiais brasileiros que haviam concluídos cursos de aperfeiçoamento aéreo no Escola de Aviação do campo Randolph.

O major Antonio da Silva Gomes, representante do adido militar brasileiro de aviação em Washington, procedeu a minuciosas provas de voo de todos os aparelhos, antes de serem os mesmos dados como prontos para reunirem-se às Forças Brasileiras.



Voando para o Rio... Fazendo-se aos ares, de um dos campos mais modernos no Estado do Texas, estes aviões, pilotados por oficiais brasileiros, encetam a longa viagem

PREPARANDO A SUPREMACIA AÉREA

TODAS as reconhecidas autoridades na arte da guerra não mais duvidam que a balança do poder militar no mundo pende para o lado da nação ou grupo de nações que puder construir e manter a mais poderosa frota aérea de combate. Em virtude de ordem expressa do Presidente Franklin D. Roosevelt, tendo em consideração esse fato comprovado, os Estados Unidos, que são

o país mais industrializado do mundo, acham-se agora produzindo aeroplanos militares em quantidades tais e dispoem de raio de ação, potência e velocidade tão grandes que, nem mesmo o esforço mais desesperado das potências inimigas será capaz de alcançar qualquer resultado que se compare. Aqui vemos devidamente ilustrados alguns dos tipos desses aeroplanos:



B-17 O primeiro modelo deste famoso aparelho, "Fortaleza Voadora" (em cima) surgiu em 1933. Desde então, tem sido modificado, remodelado e aperfeiçoado, sendo agora reconhecido como superior a qualquer bombardeiro de grande altitude. Tem grande raio de ação e velocidade com várias toneladas de bombas

B-24 Um dos mais conhecidos e mais eficientes bombardeiros pesados quadrimotores do Exército, este aparelho (embaixo), de cauda aberta, fuselagem achatada nos flancos e asas estreitas, é fácil de distinguir-se no ar. Sua guarnição é numerosa e leva grande carga de bombas a uma velocidade excepcional





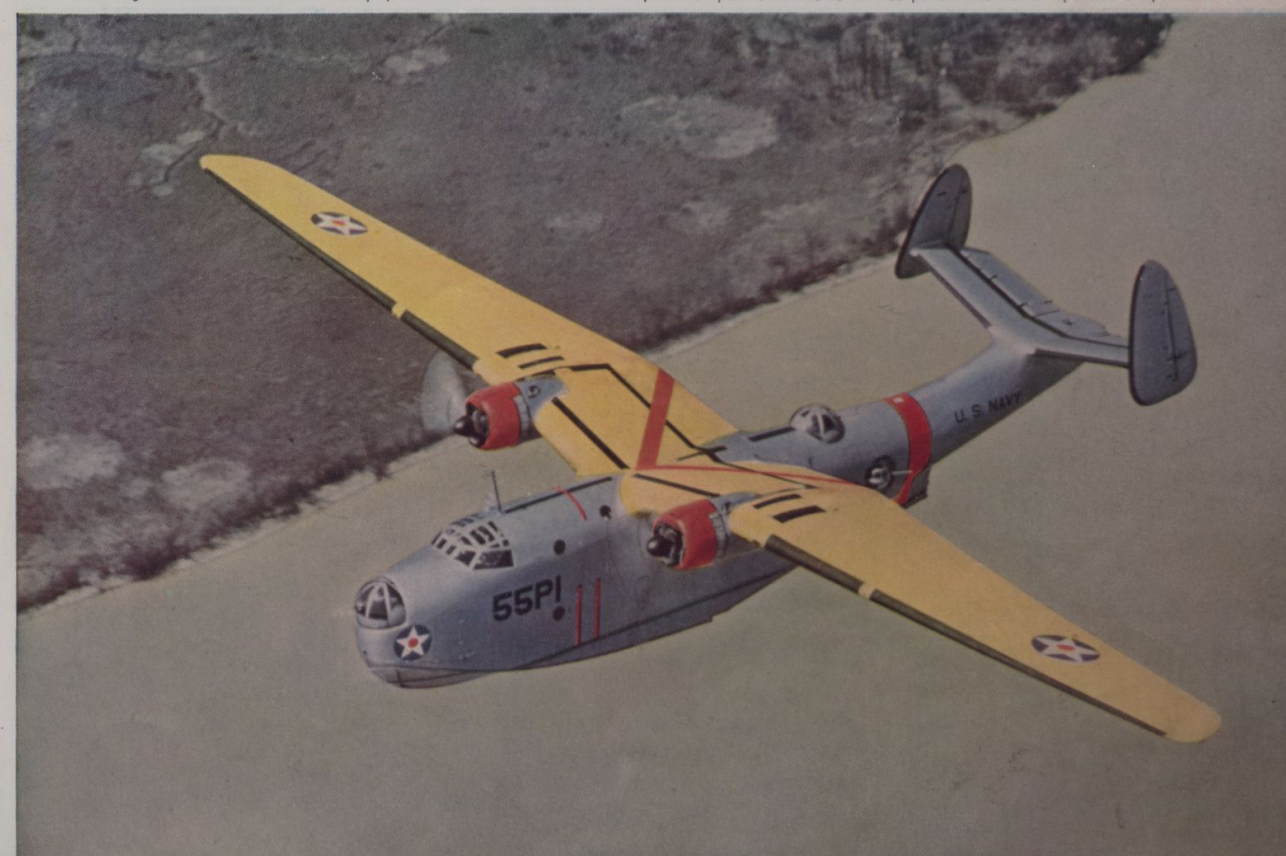
B-26 Este bombardeiro médio (em cima) tem sido considerado como uma maravilha de aerodinâmica. De linhas firmes e suaves e de extrema precisão de movimentos, corta os ares levando em seu bojo uma carga de três toneladas de bombas, e desenvolve uma velocidade, máxima de qualquer bombardeiro, de mais de 480 quilômetros à hora. Suas hélices de quatro pás são acionadas por dois motores de 1.850 CV

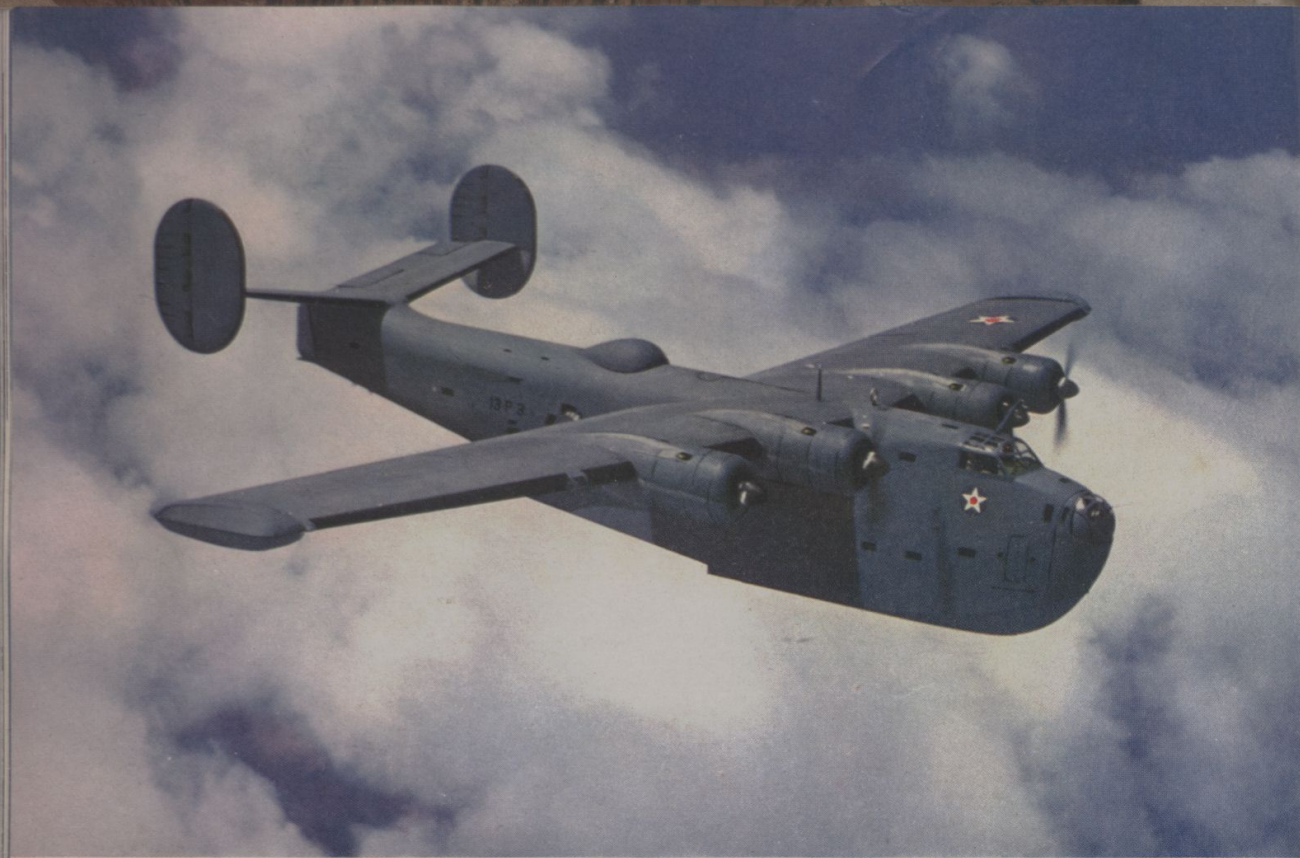
A-20A Construído pela Douglas Aircraft Corporation, este bombardeiro (em baixo) é muito veloz e ágil, qualidades necessárias em sua função principal de apoiar a infantaria em ataques a objetivos em terra. Como o B-26, este avião desenvolve uma velocidade comparável à de muitos aparelhos de caça. Além de carregar considerável quantidade de bombas destruidoras, dispõe de várias metralhadoras situadas



SB2C-1 Este avião de bombardeio em mergulho, o mais moderno da Marinha (em cima), é considerado muito superior a qualquer aparelho do seu tipo no mundo. É construído pela Curtiss e desenvolve uma velocidade horária de 560 quilômetros, sendo o seu raio de ação de 1.900 quilômetros, carregando uma tonelada de bombas na fuselagem. Do seu armamento consta um pequeno canhão montado nas asas

PBM-1 Outro famoso bombardeiro; este bombardeiro-patrolha da Marinha (em baixo) tem um raio de ação de 8.000 quilômetros, com uma carga de três toneladas de bombas, e é capaz de fazer 360 quilômetros horários. Os flutuadores das asas, que estabilizam o hidro-avião na água, retratam-se na asa, próximo ao bojo, quando o aparelho acha-se no ar. Sua performance tem ultrapassado a expectativa





PB2Y-2 Este colossal bombardeiro-patrolha (em cima), denominado "Coronado", é um dos orgulhos da Marinha. Desenhado para fazer vôos de grande percurso sem necessitar da escolta de aviões de combate, este couraçado aéreo dispõe de canhões em torres blindadas à proa, na cauda e nos lados. Tem um raio de ação de 8.320 quilômetros, com carga de várias toneladas de bombas. Velocidade: 360 km horários



F4U-1 Este avião de combate da Marinha, com uma velocidade que excede a 640 quilômetros horários, é o mais veloz dos aparelhos da aviação naval. É compacto, medindo 9 metros de comprimento e 12 de envergadura. Foi desenhado especialmente para operações em porta-aviões. Suas asas invertidas de gaveta proporcionam-lhe espaço para uma hélice maior. Tem um potente motor de 2.200 CV

O MUNDO LIVRE OU ESCRAVIZADO

“A ORDEM mundial que buscamos é a cooperação de países livres, trabalhando juntos numa sociedade fraternal e civilizada”. (Presidente Roosevelt, em 6 de Janeiro de 1941).

Enquanto que Adolf Hitler e seus bandidos de Tóquio e Roma procuram, com uma crueldade nunca vista antes, alijar o mundo a uma “nova ordem” nazista ou japonesa, as Nações Unidas estão se batendo para proporcionar ao mundo a verdadeira antítese de um destino tão ameaçador.

Que é que os Estados Unidos, Grã Bretanha e as nações aliadas da justiça e liberdade reservam à maneira de esperanças para a humanidade sofridora?

Qual seria, pelas próprias condenáveis palavras e ações de Hitler e seus comparsas japoneses, o destino desses milhões de sofredores, si o Eixo vencesse? Quais são os fatos? De um lado aqueles registados em palavras e ações de homens tementes a Deus, que lutam para preservar a dignidade do homem; de outro, em sangue e terror.

As Nações Unidas prometeram, não para sua própria ambição, mas para o bem do mundo inteiro, os frutos da sua vitória.

Essas recompensas estão expostas na Carta do Atlântico, a qual o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro Winston Churchill, da Grã Bretanha redigiram, em alto mar, a 14 de Agosto de 1941, quando a guerra se aproximava cada vez mais do Continente Americano.

Adotada no Dia de Ano Bom de 1942, como o credo de luta e objetivo de guerra de todas as Nações Unidas, e reafirmada menos de um mês mais tarde pelas Repúblicas Americanas no histórico Estatuto do Rio de Janeiro, as nações aliadas da Justiça prometem:

“Primeiro, seus respectivos países não procuram nenhum engrandecimento, nem territorial nem de outra natureza;

“Segundo, não desejam que se realizem modificações territoriais que não estejam de acordo com os desejos que exprimam livremente os povos atingidos;

“Terceiro, respeitam o direito de todos os povos de escolher a forma de governo sob a qual haverão de viver; e desejam que se restitua os direitos soberanos e a independência aos povos que foram despojados destes direitos pela força;

“Quarto, com o devido respeito à suas obrigações existentes, se empenharão para que todos os estados, sejam grandes ou pequenos, vitoriosos ou vencidos, disfrutem do acesso em igualdade de condições ao comércio e às matérias primas do mundo, de que precisem para a sua prosperidade econômica;

“Quinto, desejam dar cumprimento, no campo da economia, à colaboração mais completa entre todas as nações com o fim de conseguir, para todos, melhores condições de trabalho, prosperidade econômica e segurança social;

“Sexto, depois da destruição completa da tirania nazista, esperam que se estabeleça uma paz que proporcione a todas as nações os meios de subsistir em segurança dentro de suas próprias fronteiras, e que dê garantias de que todos os homens em todas as terras poderão viver livres do temor e da privação;

“Sétimo, essa paz permitirá a todos os homens cruzar livremente os mares e oceanos;

“Oitavo, acreditam que todas as nações do mundo, por motivos realistas bem como espirituais, deverão abandonar o emprego da força. Visto como não se poderá manter a paz futura

se continuarem a empregar armamentos de terra, mar ou ar as nações que ameçam, ou que poderão ameaçar de agressão fóra de suas respectivas fronteiras, e acreditam também que, enquanto não se estabeleça um sistema mais amplo e permanente de segurança geral, é essencial desarmar tais nações. Eles também prestarão auxílio e estímulo a todas as demais medidas possíveis que hajam de aliviar para os povos amantes da paz o fardo pesado dos armamentos”.

Aí, nesses oito pontos subscritos por três quartos dos povos do mundo, acha-se a esperança da humanidade.

A promessa de liberdade e justiça das Nações Unidas já está sendo posta em prática, assim como a tirania e escravidão da “nova ordem” nazista está sendo posta em prática nos territórios conquistados. Veja-se o exemplo no continente americano, na família das Repúblicas Americanas.

Na reunião consultiva de emergência dos Ministros de Exterior americanos, convocada imediatamente após o traiçoeiro ataque do Japão a Pearl Harbor, reforçaram-se enormemente os laços econômicos e morais das 21 Repúblicas.

Que oferece, no outro lado, a “nova ordem” dos nazistas e japoneses, como promessa para o mundo? Eles já proporcionaram indicações prévias — com horrorosa brutalidade medieval.

A “nova ordem” nazista e a “esfera de co-prosperidade” japonesa, significam um mundo próspero, mas unicamente para os alemães e japoneses, para mais ninguém, nem mesmo os amigos do momento de Hitler ou de Togo. Os territórios conquistados da Europa e Ásia oferecem um testemunho mudo e trágico do credo nazi-japonês.

Onde estão as Quatro Liberdades — a liberdade de adorar a Deus, a liberdade da palavra, a liberdade para subsistir sem privações, e a liberdade para viver sem temor? A “nova ordem” de Hitler, tal como a “esfera de co-prosperidade” do Japão, tem apenas um verdadeiro propósito, o fazer toda nação, cada indivíduo, tudo, enfim, dentro dessa nação, completamente subserviente à Alemanha e ao Japão.

Assim fala Hitler, das páginas de “Mein Kampf”: “A idéia de pacifismo e humanidade pode ser muito boa, depois que a raça suprema (a alemã) tiver conquistado e subjugado o mundo”.



Ao passar da bandeira... Cidadãos da heróica França, sob a “nova ordem”, revelam a emoção causada pela desdita da pátria

Eis aqui Hitler falando novamente:

“Uma raça inferior necessita de menos alimentação e menos cultura do que uma raça superior. E quais são as raças inferiores? Todas, excepto a alemã, naturalmente.

Na Polónia, Hitler e sua “nova ordem” têm cometido os piores crimes que o mundo já viu, mesmo em suas éras mais denegridas. Havendo destruído cidades e lares poloneses, e havendo decretado serem os poloneses um povo inferior, indigno até de ser escravo, ele tem tentado fazê-los viver uma existência sub-humana.

Um aviso afixado pelos nazistas nas paredes da vila polonesa de Torun, reza:

“Poloneses de ambos os sexos, as ruas pertencem aos vencedores, não aos vencidos. . . Mulheres polonesas que se dirigem aos Volksdeutsche (alemães) ou os insultem, serão enviadas para as casas de prostituição”.

Os mesmos trágicos episódios chegam de outros países sob a pressão dos dominadores nazistas, da Tchecoslováquia, Austria, Bélgica, Holanda, Noruega. O Japão não tem sido mais humano na China, Mandchúria, Coréia e outras áreas conquistadas.

Hitler não tem a menor intenção de confinar o seu terror à Europa, si ele puder estendê-lo através do oceano.

“A América está constantemente à beira de revoluções”, afirma ele. “Será muito simples para mim provocar revoltas e desassossego, para que essa gente tenha com que se ocupar”.

A fome é geral na Hungria, na România e na intimidade e humilhada Itália. Os italianos são forçados até a fornecer mão de obra escrava para Hitler. Uma recente rádio-difusão alemã revelou que a Itália — por ordem de Hitler — enviou para a Alemanha 300.000 operários em 1941, dos quais oito por cento eram mulheres, e esta cifra deverá breve atingir a 400.000.

Segundo Hitler, os vencidos terão apenas um mercado exterior: a Alemanha. E esta determina os preços que pagará e as condições de pagamento.

Econômica e financeiramente, a “colaboração” com a “nova ordem” de Hitler é suicídio. Veja-se a Tchecoslováquia e França. Mediante astuta e às vezes tósca e brutal prestidigitação, os nazistas têm forçado os povos conquistados a pagar com o seu próprio dinheiro o custo da sua própria subjugação!

Eis aqui o que Hitler confessa em seu “Mein Kampf”, ser o plano de “extorsão”:

“Um vitorioso inteligente apresentará, sempre que possível, suas exigências ao vencido, em prestações. Estará assim certo de que uma nação que perdeu o caráter — e tal é o caso de todas as que se submetem voluntariamente — não mais encontrará razão alguma, em cada uma das opressões parciais, para pegar em armas outra vez. Quanto mais extorsões forem aceitas de bom grado, mais injustificado parece ao povo começar a defender-se contra alguma nova opressão, aparentemente isolada, mas em realidade constantemente repetida, especialmente si, considerando-se todo o conjunto, já suportou silenciosa e tolerantemente maiores infortúnios sem reagir”.

Com essas palavras, Hitler disse, pelo menos uma vez, a verdade, ao descrever o conflito entre a liberdade e a escravidão — um mundo livre e um mundo escravizado. Os americanos estão convencidos de que, desta vez, como sempre, há-de verificar-se o triunfo da liberdade.



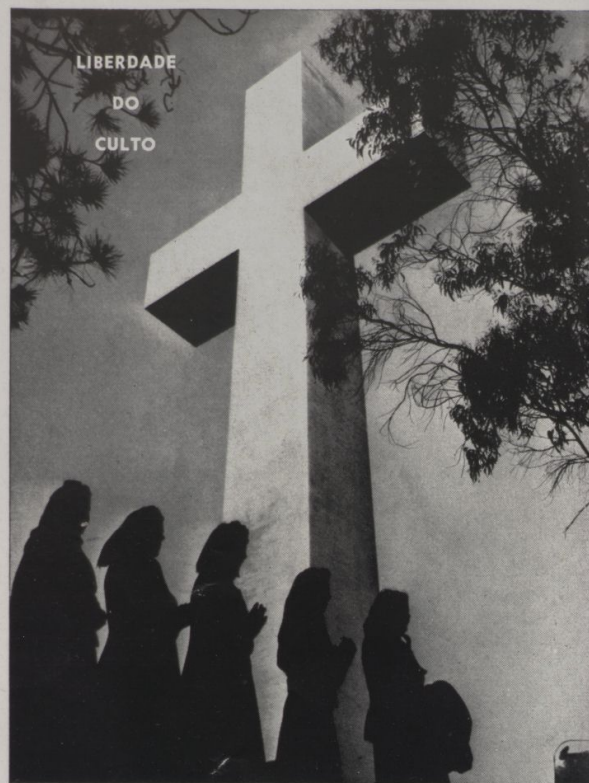
LIVRES
DA
PRIVACÃO

Um lar garantido, alimentação sadia e tôdas as oportunidades que lhe permitam desfrutar uma existência útil e agradável, esse é um direito que assiste a tôda família



LIBERDADE
DA
PALAVRA

Todo cidadão tem direito de emitir livremente suas próprias opiniões, sem receio de coação nem intervenção do arbítrio e despotismo da autoridade pública



LIBERDADE
DO
CULTO

Nas Repúblicas Americanas, há verdadeira liberdade religiosa. Todos podem exercer pública e livremente o seu culto, seja qual fôr, sem constrangimento algum



LIVRES
DO
TEMOR

Livres para divertirem-se, sem temores nem preocupações. Livres para trabalhar e gozar a vida sem a constante e férrea vigilância de régulos e sequeiros



A morte pela fome é o espectro que aguarda as inocentes vítimas nas terras conquistadas da Európa e Ásia. Seus víveres foram roubados para alimentâr os invâsores



Igrejas e conventos têm sido bombardeados indiscriminadamente pelos nazistas na Europa inteira. E, na própria Alemanha, restrições têm sido impostas à Igreja



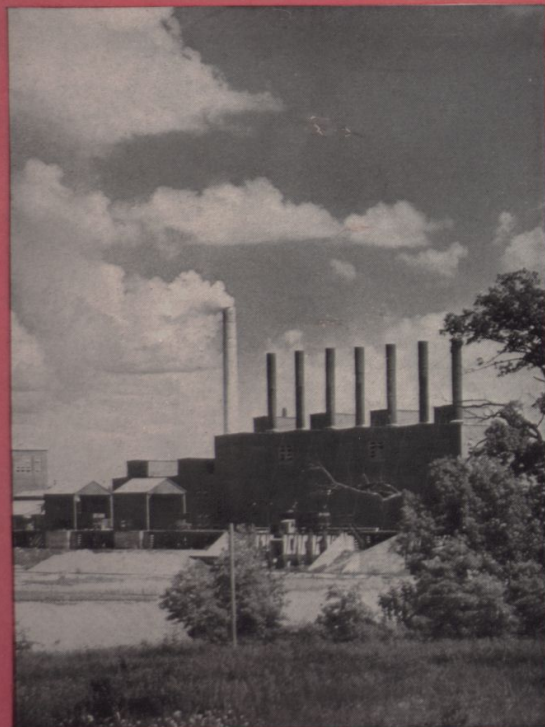
Nunca, nestes últimos cem anos, estiveram as prisões da Európa tão cheias como agora; uma mulher francesa espera a sua vez para poder visitar o espôso encarcerad



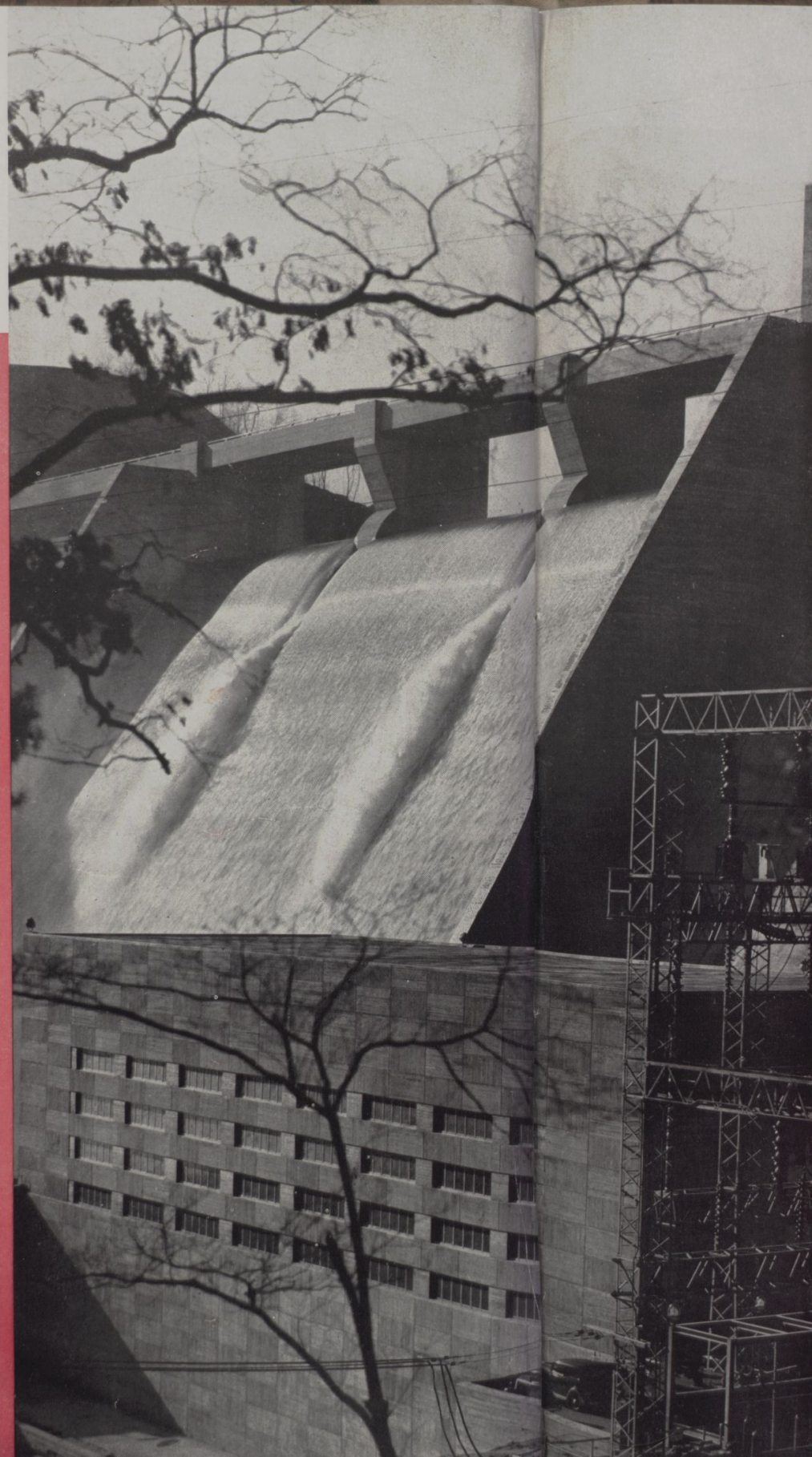
Temendo por sua própria vida, este cidadão da Polônia vê-se forçado a ajoelhar-se perante um soldado nazista, membro da "nova raça dominadora" da velha Európa



Cabos de cobre distendendo-se das represas ao longo do rio Tennessee transmitem a invisível e poderosa energia que está acionando a indústria bélica



Energia da T.V.A. aciona esta grande indústria e muitas outras. A vasta área do sudeste americano está sendo industrializada rapidamente pela hulha branca



FORÇA MOTRIZ PARA A LIBERDADE

O VASTO conjunto de represas de que dispõem os Estados Unidos está sendo valiosa fonte de energia elétrica para a sua indústria em franco trabalho de guerra. A força motriz de suas usinas hidroelétricas torna agora possível a rápida produção de armamentos e material bélico em quantidade bastante para assegurar a vitória. Essas gigantescas represas, que controlam grandes massas fluviais do país, têm sua história ligada a magníficos planos cogitados em tempo de paz, visando simples objetivos de uma perfeita economia de paz. Mas nem por isso deixam de revelar no momento a sua inestimável utilidade para uma nação em plena guerra.

Seu valor é também de particular importância para as demais nações do continente americano. Não somente garantem a vitória para todos elas, como constituem verdadeiros modelos para a execução de trabalhos já projetados em várias partes da América Central e do Sul, por engenheiros que irão aplicar os mesmos princípios técnicos adotados nos Estados Unidos.

Por lei do Congresso, o país inteiro acha-se com seus relógios adiantados uma hora enquanto durar a guerra, a fim de conservar o mais possível energia elétrica para a indústria de armamentos. Este fato demonstra a extraordinária significação da força elétrica no programa de guerra, força que está sendo fornecida pelo grandioso manancial de "hulha branca" de represas como as de Bonneville e Grand Coulee, na região do noroeste, Boulder na do sudoeste e do Tennessee na região do sueste.

A captação das águas na bacia do Tennessee é uma das obras levadas a efeito de acordo com o programa de amplo desenvolvimento regional traçado pelo governo em 1933, quando foi então criada a Tennessee Valley Authority, entidade destinada a administrar os serviços relativos a tão importante empreendimento. Sua jurisdição abrange todo o território banhado pelo rio Tennessee e seus afluentes, uma região cujas dimensões aproximam-se da área da Grã Bretanha. Já foram terminadas várias represas, achando-se outras ainda em construção ao longo do curso de 1.050 quilômetros do rio que fornece energia elétrica em quantidade para milhares de lares e várias indústrias. Além disso, as represas têm facilitado o controle de enchentes e erosão do solo, trazendo assim incalculáveis benefícios para a lavoura e indústria daquela importante região.

Suas obras tiveram verdadeiramente início durante a primeira guerra mundial. A esse tempo, o governo ordenou o represamento das águas num traiçoeiro trecho de 52 quilômetros do rio Tennessee, com o propósito de proporcionar energia elétrica para duas usinas de nitratos, projeto que ficou geralmente conhecido co-

mo de Muscle Shoals. As usinas de nitrato destinavam-se a fornecer explosivos para as forças militares então em operações de guerra. Os trabalhos, entretanto, só ficaram terminados quando já se havia assinado a paz. Contudo, as usinas não ficaram inativas; os nitratos, valiosos para estimular a fertilidade do solo, foram aplicados em adubos. Transformou-se assim em trabalho de paz um projeto que ia aplicar-se à guerra. Com as obras de captação na bacia do Tennessee, as quais fizeram para todo esse rio aquilo que Muscle Shoals havia feito para 52 quilômetros apenas do seu curso, o inverso acaba de ser executado com perfeito sucesso. Um projeto de tempo de paz, destinado a melhorar as condições de vida de numeroso núcleo da população do país, está se prestando magnificamente para satisfazer as necessidades da nação numa guerra para preservar a sua própria existência.

No complexo programa de produção de guerra, o alumínio está classificado como material estratégico de primeira grandeza. Trata-se de um metal que é parte integrante nos milhares de aeroplanos que estão a aumentar diariamente a força aérea do país. A maior fábrica de alumínio do mundo está situada na área sob a jurisdição da TVA e depende em grande parte de energia elétrica proporcionada pelas represas do importante rio. Eletricidade em quantidade é fator essencial na produção de alumínio. Para extrair cinco quilos de alumínio do oxigênio, é preciso mais energia elétrica do que a consumida numa casa de dimensões normais.

Embora o acréscimo da produção industrial bélica haja causado um aumento de 30 por cento no consumo da energia elétrica através do país, na zona da TVA esse aumento tem sido de mais de 75 por cento. Isto mostra como se acha a TVA preparada para ampliar suas transmissões em qualquer emergência.

Esta circunstância é resultado direto do plano originário que visava facilitar o mais possível o consumo de energia elétrica numa importante e populosa área como é a que se encontra no vale do Tennessee. Quando a TVA iniciou suas atividades, apenas um lavrador em cada grupo de 34, no vale, podia dispor das vantagens da eletricidade. Em 1941, em cada grupo de 6,

um pelo menos dispõe de todas as conveniências proporcionadas pela energia elétrica aplicada a trabalhos agrícolas.

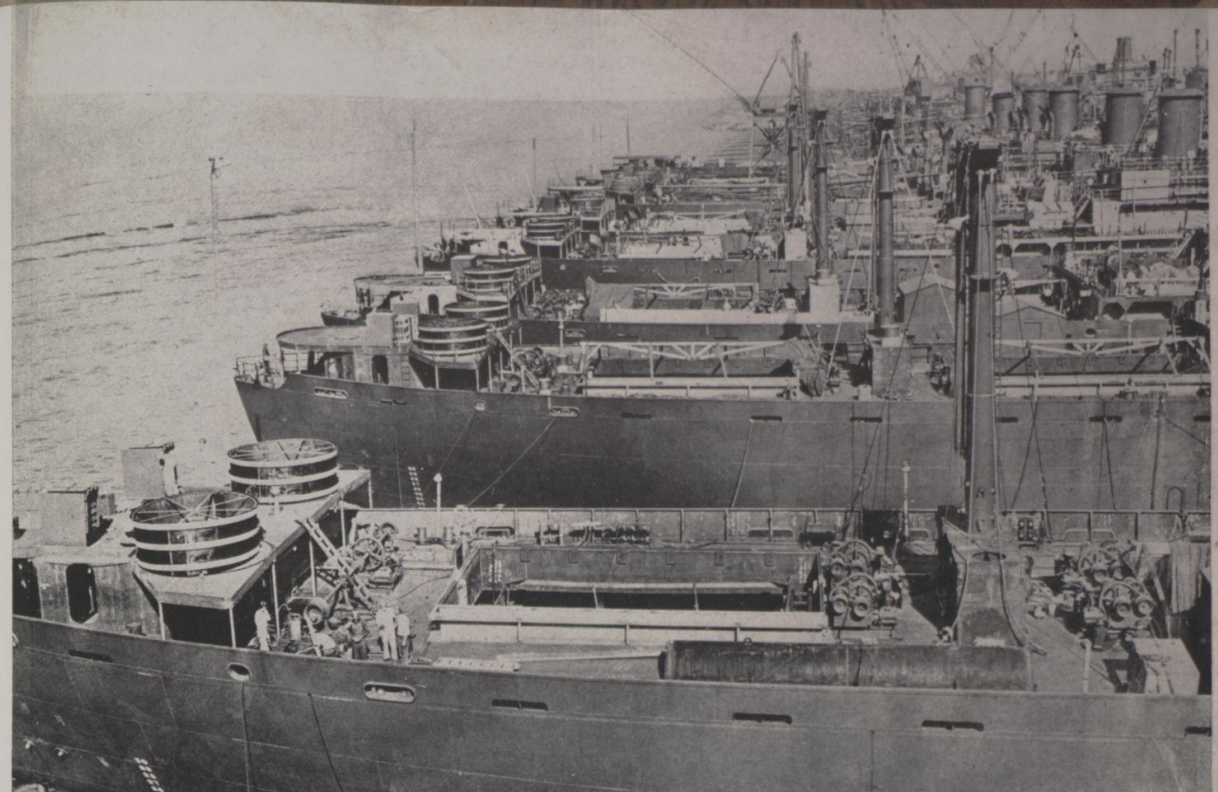
A contribuição de TVA para a preparação bélica do país está sendo enorme e das mais valiosas. As suas atribuições ampliam-se cada vez mais, em virtude de recente legislação autorizando a construção de mais represas, consideradas como os maiores trabalhos do gênero realizados nos Estados Unidos, e que irão elevar a mais do dobro a capacidade de energia elétrica da T.V.A.



A série de represas da T.V.A. alimenta-se no grande potencial hidráulico do famoso rio Tennessee



Modernos métodos de construção naval abreviam o trabalho: a proa completa de um navio cargueiro é guindada para ser ajustada e soldada ao resto do casco



Em 40 estaleiros montam-se peças procedentes de 550 fábricas localizadas em 33 Estados da União, para terminar cerca de 2.000 navios, em 14 semanas cada um

RUMO AO MAR

A MAIORIA das 20 milhões de toneladas de navios mercantes ora em construção de conformidade com o programa de guerra, é dos denominados "Cargueiros da Liberdade", todos de plano simplificado, tornando-se por isso o que mais se aproxima de uma produção em grande série, jamais tentada por qualquer outro país do mundo. São navios resistentes, e embora sejam modestos em seus aspectos estéticos, satisfazem plenamente os inestimáveis fins a que se destinam.

Muitos desses eficientes cargueiros já percorreram os mares, levando em seu precioso bojo valiosa carga de aviões de variados tipos, tanques, canhões, caminhões, abastecimentos e até tropas para garantir postos avançados na Islândia, nas Ilhas Britânicas, Austrália e Alaska; bases importantes no mar das Antilhas e muitos outros pontos, distantes e estratégicos, dos quais depende a segurança do continente americano nesta grande guerra.

Mas, a despeito da excelente demonstração que estão fazendo de suas capacidades, cada "Cargueiro da Liberdade", assim como todos os navios mercantes dos demais tipos, têm de submeter-se a rígidas provas antes de lhes serem confiadas missões de caráter vital, como o transporte de tropas e material bélico para as frentes onde se encarniça a luta contra as potências do Eixo.

Enquanto cada um desses navios não é exhaustivamente examinado e comprovado por um conjunto de técnicos navais, não se lhes confia carga de espécie alguma, muito menos o transporte de tropas.

A Comissão de Marinha Mercante dos Estados Unidos, cujos arquitetos e engenheiros navais traçaram o plano de tais navios, e cuja

função e responsabilidade é fazer construir e tripular a Frota da Vitória, mostra-se particularmente exigente quanto às provas de eficiência de cada um deles. A Comissão empenha-se nas experiências mais rigorosas, em menores detalhes, antes de passar o certificado por meio do qual o navio rumo ao mar. A prova está sendo feita numa média de um por dia. Nunca se presume que o navio esteja em perfeitas condições de navegabilidade; tal como acontece com os seres humanos, cada cargueiro, a despeito da padronização do seu plano, ou técnica de construção, tem sempre suas peculiaridades e frequentemente verdadeiras manhas. É tarefa da junta examinadora da Comissão, composta de abalizados profissionais, submetê-lo a experiências completas, procurando desdobrar suas excentricidades e recomendando correções.

Cada técnico examinador conhece um navio a

fundo. Reunidos, saem com o cargueiro, com tripulação completa, para provas detalhadas. Experimentam o curso determinado, fazem as manobras mais complicadas, usam e abusam de todos os recursos mecânicos modernos de que dispõe o navio.

Enquanto isso, cada recanto de bordo encontra-se sob hábil e minuciosa inspeção. Máquinas, motores, consumo de combustível, rendimento, controles, são atentamente observados e examinados pelos engenheiros; os arquitetos verificam os porões, as soldas, sob pressão, inspecionam o material e equipamento, encanamentos, instalações elétricas e aparelhos de segurança.

Certos detalhes precisam ficar determinados definitivamente antes de sair o navio com o seu primeiro carregamento de guerra. Resistência contra choques e pressões, quando suas máquinas em plena marcha avante, são forçadas a dar atrás subitamente, manobrabilidade, velocidade, todos esses são pontos mágicos a serem acuradamente comprovados antes de ser o navio dado e aceito como em perfeitas condições para desempenhar satisfatoriamente a sua missão de guerra.

Depois de terminadas as provas, os inspetores preparam completo relatório, abrangendo todos os aspectos técnicos observados, e recomendando as necessárias alterações.

E quando o navio é finalmente aprovado, segue imediatamente para a doca, onde se escancaram seus porões ávidos para a sua carga de guerra cada vez mais preciosa. Levam assim, aos pontos mais longínquos do mundo, tropas, armas e munições de guerra e de boca, para dar combate a um inimigo que cada dia mais se torna incapacitado de impedir ou dificultar esse tráfego vital para a sua derrota.



O almirante E. S. Land, chefe da Comissão de Marinha Mercante, dirige a construção de 20 milhões de toneladas de navios



Manilha é uma bela cidade moderna. Aqui destaca-se o seu magnífico edifício dos Correios
Residências como esta são prova do elevado nível de vida existente nas Filipinas



O ESPÍRITO DAS FILIPINAS

Ação dos defensores das Filipinas, na fase inicial do conflito no Pacífico, assinala uma verdadeira epopéia de coragem, devoção e heroísmo, inextinguíveis nesta ou em qualquer outra guerra. Americanos e filipinos enfrentaram gallhardamente a invasão de um inimigo consideravelmente superior em forças, que assediava por terra e pelo ar, e mostrava-se completamente indiferente à massa de homens e material bélico que fosse perdendo na avançada. Apoiando-se em ténues e incertas linhas de abastecimentos, o exército das Filipinas granjeou, pela sua bravura e tenacidade, a admiração e o aplauso do mundo livre. Os invasores, indiferentes a todos os sacrifícios, conformaram-se com a condição de pagar caríssimo por cada passo da sua infiltração no arquipélago. E mesmo quando a resistência foi, finalmente, debelada nos derradeiros redutos da península de Bataan, prosseguiu a luta no forte do Corregidor, que domina adentrada principal da histórica baía de Manilha.

Na defesa das Filipinas, os soldados da nável república foram parte vital. Embora o plano geral de defesa do arquipélago não estivesse ainda concluído, o programa de preparação militar iniciado pelo Presidente Manuel Quízon, e sob a direção do general Douglas MacArthur, encontrou nos filipinos vigoroso elemento que, constituído em tropa, deu as melhores provas de sua valentia sob as mais adversas condições. Sua tenaz determinação para defender sua pátria, opondo-se ao inimigo com uma resistência sobrehumana, foi inestimável contribuição para o conjunto das Nações Unidas em sua guerra no Pacífico, e constitui uma fonte de contínua reação e entrave aos japoneses em tôdas as áreas ocupadas. Referindo-se às qualidades militares dos filipinos, exuberantemente demonstradas na campanha, assim falou um capitão americano:

"São combatentes de extraordinário mérito. Destacam-se pela sua incrível coragem, pela sua inteligência e extremo devotamento à causa da democracia. Resolutos em suas posições, enfrentam nodadamente o ataque do inimigo, forçando-o a estancar, indeciso. E assim conseguem contra-atacar e recapturar terreno perdido. Em conjunção com as forças americanas, as tropas filipinas mostram-se excelentes, pela perfeita harmonia que se estabelece. A maioria das armas anti-aéreas e da artilharia pesada, encontra-se a cargo dos americanos, mas o concurso dos filipinos tem sido indispensável, em muitos sentidos. Como aviadores, são valorosos; mas é na infantaria que se revelam extraordinários."

Outro oficial americano, ferido quando dirigia um ataque contra um posto avançado japonês, deu a sua impressão acerca dos filipinos, na luta extrema de Bataan:

"Não vi ainda tropa tão disciplinada e conciente da sua missão. Americanos e filipinos, oficiais e praças, mantêm-se em completa comunhão de propósitos, ajudando-se e respeitando-se mutuamente, demonstrando com isso perfeita coesão militar."

Ao preparar as Filipinas para a sua independência política, os Estados Unidos consideraram de igual importância a sua preparação econômica e militar. Esta circunstância explica a habilidade dos filipinos para resistir os primeiros choques da invasão, mantendo-se firmes na sua devoção ao seu próprio governo, e em sua lealdade para com os Estados Unidos.

Após 35 anos de permanência como possessão dos Estados Unidos, o arquipélago foi considerado, em 1934, em condições de realizar o seu segundo grande passo para a sua completa independência. Em virtude de lei do congresso dos Estados Unidos, foram estabelecidas as bases para a eleição, pelo povo das Filipinas, de seu



O Presidente Quízon, sua esposa e filhos, em Bataan, durante as primeiras semanas da guerra

Setenta e cinco por cento da infância em idade escolar nas ilhas Filipinas, achavam-se frequentando escolas modernas e eficientes, ao tempo da invasão japonesa



O general MacArthur condecora por atos de bravura o capitão filipino J. A. Villamor

governo próprio, que deveria administrar as ilhas até 4 de Julho de 1946. Nesta data, os Estados Unidos comprometiam-se a descontinuar suas ligações político-administrativas com o povo da República Filipina, permitindo-lhe assim assumir um caráter completamente independente no concerto das nações do mundo.

A execução dessa lei, completando quasi quatro décadas de uma ligação de franca e proveitosa cooperação política, econômica e administrativa com o distante arquipélago do Pacífico, fortaleceu enormemente a devoção dos filipinos aos ideais democráticos. Evidenciou-se assim o fato de poder uma grande nação democrática aplicar seus princípios de liberalismo a um outro povo.

E' também significativa a circunstância de festejarem os filipinos o dia 13 de Agosto, aniversário da ocupação americana de Manilha, com o mesmo entusiasmo com que celebram a data de 15 de Novembro, dia que marcou o início do seu sistema republicano.

Durante a administração americana em Manilha, os Estados Unidos fizeram mais que ajudar a futura república a preparar-se para a sua defesa. Todos os esforços foram materializados a bem da estabilidade econômica das ilhas, fazendo-as prosperar em todos os aspectos de sua vida.

Ao terminar a guerra hispano-americana, as ilhas Filipinas achavam-se em precária situação, econômica e administrativamente. Desde então, notável surto de progresso generalizado, devido principalmente às excepcionais qualidades de inteligência e iniciativa dos filipinos, veio colocá-las a par com os centros mais ativos do mundo, comercial e industrialmente. Modernizou-se e desenvolveu-se o seu sistema escolar e o aprendizado profissional, e as suas potencialidades agrícolas passaram a ocupar decidido lugar de destaque, contribuindo para a riqueza geral. Trabalhos de saneamento foram organizados e levados a efeito em grande escala, e seus resultados têm favorecido tôdas as regiões do arquipélago.

Os benefícios desse esforço contínuo e organizado são evidentes. O analfabetismo, por exemplo, está reduzido de 50 por cento. Três quartos da infância em idade escolar encontravam-se sob um regimen de ensino moderno e eficiente, quando começou a invasão japonesa. O padrão de vida do povo tornou-se o mais elevado em todo o extremo-orient.

Os japoneses invasores proclamam um programa de "Ásia para os asiáticos". Afirman que o Japão pretende estabelecer uma esfera de "cooprosperidade para todos". Poucos, evidentemente, iludem-se com essa propaganda, porque o Japão tem feito muito pouco progresso nas áreas ocupadas das Filipinas, quanto ao estabelecimento de um governo cujas colunas mestras sejam as clássicas de "quinta categoria".

Ao invés de adesão, os invasores têm encontrado os filipinos a lutar ao lado de americanos, numa resistência que demonstra a sua determinação para traçarem os seus próprios destinos. A luta presente servirá para fazê-los compreender, com perfeita exatidão, o grande sacrifício a que estavam expostos. Mas o seu heroísmo coroará de glórias a nobre nação que há-de vir, para dar ao mundo mais uma prova de patriotismo.



Um dos aviadores japoneses, abatidos depois de reduzi-rem a cinzas o histórico templo de Manilha, procura justificar o objetivo da sua destruição

DEPOIS DA PRESENÇA DOS JAPONESES



A FRENTE DE BATALHA INDUSTRIAL

“A produção para a guerra é baseada no esforço de homens e mulheres — em mãos e cérebros que coletivamente chamamos Trabalho. Nossos operários encontram-se prontos para trabalhar longas horas; para produzir mais por dia de trabalho; para manter suas máquinas em funcionamento contínuo, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Eles compreendem perfeitamente que da rapidez e eficiência do seu trabalho depende a vida de seus filhos e irmãos nas frentes de batalha.”

Assim falou o Presidente Franklin D. Roosevelt em seu discurso de 6 de Janeiro, a respeito da situação nacional. Hoje, a nação assiste a uma demonstração sem precedente na sua história, comprovando o patriotismo, eficiência e espírito de sacrifício do seu elemento trabalhista. A classe operária não somente renunciou enquanto durar a guerra, a muitas de suas prerogativas conquistadas com tremendo esforço, mas por meio de suas entidades representativas tem contribuído significativamente para o plano e execução do programa de armamentos.

No seio do operariado existe um vasto reservatório de conhecimentos práticos acerca de produção. Em tempos normais, esse reservatório talvez continuasse em desuso; mas sob a emergência de produção total para a guerra, o Trabalho está reunindo suas capacidades mentais às dos dirigentes da indústria para conseguir-se o máximo da produção desejada.

Por sugestão do Presidente Roosevelt, vultuoso Programa de Produção para a Vitória está em andamento nas indústrias bélicas, a-fim de desenvolver ao máximo a produção em tudo quanto é mina, fábrica, fundição e oficina do país. E', naturalmente, um esforço essencialmente de cooperação entre direção e trabalho, esforço conjugado de várias comissões mistas que têm a seu cargo verificar e remediar delongas, fazer sugestões e animar, enfim, o prosseguimento dos trabalhos de maneira contínua e proveitosa. Em menos de um mês, após a

divulgação do programa, centenas dessas comissões mistas achavam-se formadas em inúmeras fábricas, e em Washington começava-se a receber constantes informes acerca da sua utilidade.

COM o estímulo da cooperação mais íntima entre empregados e empregadores, sentiu-se imediatamente o desenvolvimento da produção em todas as partes do país. Verificando-se os dados respectivos, desde o traiçoeiro ataque japonês aos Estados Unidos, em 7 de Dezembro de 1941, tem-se a prova do generalizado esforço trabalhista. Poucos minutos depois de saber-se do assalto a Hawaii, chefes de várias uniões e associações operárias hipotecavam ao governo, em Washington, a sua incondicional solidariedade com o objetivo de ativar a preparação bélica a todo custo. Essa solidariedade manifestava-se também de parte de chefes de centenas de sindicatos independentes afiliados às duas grandes organizações trabalhistas americanas.

Dirigentes do trabalho organizado, que haviam antes de 7 de Dezembro se oposto a certos aspectos da política interna e externa do governo, não hesitaram em aderir à idéia de absoluta colaboração marcada pela conferência de paz no sector trabalhista, convocada pelo Presidente Roosevelt a 18 de Dezembro. Dessa reunião mista entre empregados e patrões surgiram medidas fundamentais para um acordo industrial como nunca havia sido antes alcançado no país.

As garantias assumidas perante a nação pelos chefes trabalhistas têm sido mantidas e até excedidas pelos trabalhadores que eles representam. Logo de início, o Trabalho renunciou espontaneamente à sua mais potente arma de legítima defesa econômica — o direito de greve. E as greves, com raras e esporádicas exceções, têm cessado. Em contraste com o conflito industrial que predominava durante a primeira guerra mundial, desta vez, as horas de produção perdidas desde 7 de Dezembro, têm descido ao seu nível mais baixo, mesmo após haverem os tribunais do país reconhecido o direito

de greve. Hoje, as diferenças de opinião e as irritações que inevitavelmente surgem no intercurso industrial são submetidas ao arbitramento, resultando daí prosseguir a produção sem solução de continuidade, enquanto se atende aos detalhes da questão em apreço de maneira efetiva e imparcial.

O Trabalho não desistiu apenas do seu direito de greve enquanto durar a guerra. Seus elementos têm feito patrióticas contribuições, tais como a de abrir mão de seu direito reconhecido ao salário dobrado em domingos e feriados. Esta prerrogativa foi incluída em quase todos os contratos firmados durante os últimos anos. E agindo dessa maneira, a bem da solidariedade e igualdade nacional em matéria de sacrifícios, o trabalho organizado nos Estados Unidos desiste assim de considerável soma em dinheiro. A única estipulação feita com relação a essa oferta, foi a de que ninguém deveria aproveitar-se dessa vantagem, e que das importâncias resultantes de tal economia fosse beneficiário apenas o governo federal, como contribuição para o esforço bélico.

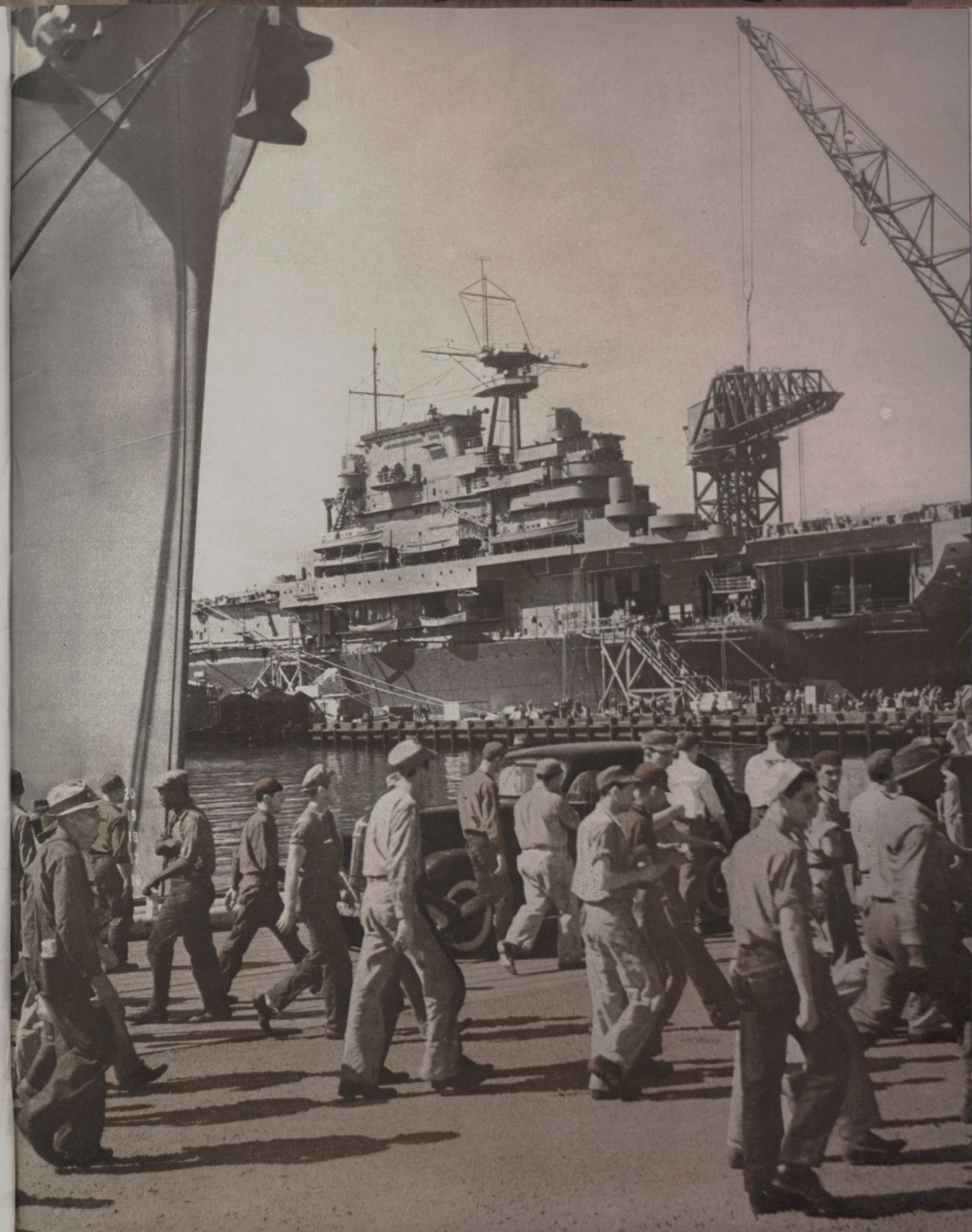
O espírito de patriotismo, colaboração e energia que anima o trabalhador nos Estados Unidos revela a sua perfeita compreensão da natureza do fascismo e da guerra que o país agora enfrenta. Nenhum outro núcleo da população americana melhor aprecia o contraste entre a vida livre e a restritiva e sanguinária filosofia fascista. O trabalhador livre tem desaparecido sob essa filosofia. Aqueles que constituem o Trabalho nos Estados Unidos, cada vez mais compreendem o valor de sua liberdade e se esforçam para conservá-la sob os mesmos princípios básicos que lhes facilitam ampla adaptação às necessidades impostas pelo progresso do país. Agora, em que a ação das forças combatentes tanto depende da atividade industrial, o operário americano apreendendo perfeitamente o alcance da emergência, está contribuindo em todos os sentidos para prover a nação com as armas que lhe darão a certeza da vitória. E' uma contribuição de homens livres, e por isso tem muito maior significação.



William Green e Philip Murray, chefes de agremiações trabalhistas rivais, formam uma frente única



Colocando um canhão num gigantesco tanque, em Detroit



Em numerosos estaleiros, na costa do Atlântico e do Pacífico, amolda-se em aço a mais poderosa esquadra, que dará aos Estados Unidos a supremacia em dois oceanos



Com o mesmo interesse com que antes desenhava chapéus femininos da última moda, Katherine Williams dedica-se agora a desenhos técnicos para a fabricação de aeroplanos de bombardeio. Em baixo, destacam-se duas peritas rebitadoras, Linette Lauri e Jean Crowe, uma das duplas mais eficientes da enorme fábrica de aviões Vultee



TRABALHANDO OS HOMENS

COMO é possível os Estados Unidos enfrentarem as exigências de sua produção de guerra, quando seus operários são chamados para as linhas de frente? A resposta encontra-se, em grande parte, no fato de existirem mulheres que poderão este ano, o ano que vem e todos os anos trabalhar como operárias até alcançar-se a vitória. À proporção que a indústria toma maior impulso, maior é o número de mulheres que assumem o trabalho nas fábricas.

De uma estimativa de cinco milhões de operários na produção bélica durante os últimos meses de 1941, constavam 480.000 mulheres, segundo o Bureau de Estatística do Trabalho. Desde então, a proporção de mulheres operárias tem crescido rapidamente. Centenares de ocupações antes inacessíveis às mulheres, estão agora sendo exercidas por elas, por isso que das experiências feitas com operárias constatou-se serem as mulheres, em muitos casos, superiores aos homens, quanto à sua capacidade e rapidez para aprender.

Nas grandes fábricas de artefatos de borracha de Akron, que estão produzindo conteúdos de segurança para gasolina, balões para barragens, sacos flutuantes para aviões, e destinados a acidentes no mar, encontram-se mulheres ativas em mínimos detalhes, como por exemplo, os que se referem a máscaras contra gases, nas quais o menor defeito poderá causar a morte de quem as usar. Nas fábricas de motores de avião, as mulheres estão sendo indispensáveis para as 50.000 inspeções necessárias ao acabamento de um motor de 2.000 CV. Em indústrias que se dedicam à manufatura de delicados instrumentos elétricos para a marinha e aviação, é francamente reconhecida a superioridade da mulher para montagens de peças pequeninas e complicadas.

O visitante que conseguisse um passe para visitar uma das fábricas rigorosamente guardadas, de bombardeiros em mergulho, aviões de caça e escoiteiros, ora em produção para a marinha, veria centenas de mulheres de macacão azul, trabalhando. A elas está confiada a importantíssima tarefa de entelar as asas e superfícies dos controles dos aviões em construção. Elas cortam a tela, distendem as partes necessárias sobre a armação de alumínio das asas e dos controles, costurando-as hábil e rapidamente em seus respectivos lugares.

Suas longas agulhas curvas agitam-se com precisão, num trabalho que tem de ser perfeito. Nos pequeninos pontos haverá uma pressão de 600 libras por pé quadrado quando um bombardeiro arrancar do seu mergulho a 450 kms. por hora.

Noutras fábricas de aviões, cresce também o número de mulheres que estão cuidando de vários serviços que antes estavam a cargo de homens. Operárias aos milhares estão se familiarizando com inúmeros trabalhos de oficina mecânica, desde tornerar até soldar. Na indústria de aeroplanos verifica-se que apenas uma pequena porcentagem das numerosas operações necessárias à fabricação de um avião não se presta para o concurso das mulheres, por simples questão de resistência física.

Em compensação, o elemento feminino tem evidenciado excelentes qualidades de observação, de agilidade e precisão sobretudo em trabalhos que tendem para a monotonia de operações. Tais qualidades estão sendo aproveitadas com grandes resultados onde quer que a mulher possa concorrer com a sua atividade.

O governo e a indústria em geral estão proporcionando todas as facilidades para o aprendizado técnico feminino, de onde saem classificadas perfeitas operárias, todas inextinguíveis em habilidade.

Com o registro ordenado pelo governo, do último grupo de cidadãos, de 45 a 65 anos de idade, para possível atividade militar ou produção de guerra, encontram-se agora às ordens das autoridades militares todos os varões do país—de 18 a 65 anos. Quer dizer que aos poucos irão mais e mais funções exercidas por homens, sendo entregue à responsabilidade das mulheres que constituem um total de 42 milhões, de 18 a 65 anos de idade.

As numerosas repartições do governo que se dedicam direta ou indiretamente a trabalhos relativos à guerra, já estão prontas para absorverem 65% de pessoal feminino, desde simples serventes até diretoras de serviços.

Na indústria de guerra o total de operárias trabalhando em todos os ramos de atividade já é considerável, facilitando assim a instrução, por mulheres, de milhões de outras que forem sendo necessárias para prosseguir os trabalhos, substituindo os homens que forem sendo chamados para atender a outros mistérios mais exclusivos do sexo, sobretudo os que se referem a função de combatentes ou de serviços auxiliares junto às forças em combate.

Até que limite irá a absorção do elemento feminino, depende de dois fatores essenciais: o desenvolvimento em proporções prodigiosas do esforço para a produção bélica, e o tempo de duração da guerra. Mas seja como for, é evidente que o país encontra-se perfeitamente ciente da necessidade de preparar-se para todas as alternativas, a fim de manter ininterrupto e crescendo sempre, o seu esforço para que nada falte àqueles que de armas em punho, e aos milhões, representam elemento primordial na luta para a vitória.

O movimento em prol da igualdade de direitos para a mulher americana, em campanha iniciada em 1948, e na qual Susan Anthony, foi batalhadora de grande proeminência, não se resumia apenas na obtenção do sufrágio eleitoral. Abrangia um vasto escopo que, em devido tempo, daria à mulher um lugar de destaque decorrente de seus próprios esforços e do seu próprio mérito.

A sua presença atualmente, como parte ativa e valiosa, em todas as diversas atividades, no comércio, nas profissões, nas artes, letras, na educação, na política e na própria administração do país, tornou-a, em muitos respeito, mais aparelhada para enfrentar seus deveres na parte que lhe cabe na direção do lar e da família e na educação dos filhos.

Os direitos que lhe ficaram assegurados impuseram-lhe grandes responsabilidades, as quais tem ela enfrentado com perfeita noção de seus encargos. Sempre que a nação tem necessitado da contribuição da mulher, mesmo quando isso significa privação e sacrifício, a mulher nunca deixou de atender pressurosamente ao apelo.

Na Inglaterra, as necessidades da guerra estão pondo à prova a capacidade da mulher em extensa diversificação de trabalhos pesados. Nêles, a mulher inglesa tem revelado qualificações extraordinárias, inspirando dessarte à nação uma confiança absoluta nas pontencialidades do conjunto de seu povo para fazer frente, em qualquer terreno, às exigências impostas pela determinação de vencer.

Nos Estados Unidos, não se pode ainda antever a extensão da aplicação da mulher em trabalhos de tal natureza. Mas não resta dúvida que, em sendo necessário, a sua contribuição há-de de verificar-se com a mesma eficiência e dedicação que está demonstrada no seu concurso até agora.

No cenário da mobilização total, a mulher americana completa o espírito e a força indispensáveis.





A Junta Interamericana do Café. Da esquerda para a direita: M. Mejía (Colômbia), J. Elguera (Perú), L. De Bayle (Nicarágua), E. A. Maulme (Ecuador), L. Fernandez (Costa Rica), E. Penteado (Brasil), P. Daniels (E.U.A.), H. Delafield (Secretário), H. L. Comas (Sub-secretário), M. F. Dennis (Haiti), E. L. Herrarte (Guatemala), J. Scholtz (Venezuela), G. Blanco Macías (México), R. Guerra (Cuba), R. A. Espallat e J. V. Battle (Rep. Dominicana), R. Aguilar T. (Salvador)



A comissão executiva da Junta Interamericana do Café, em sua primeira reunião. Em baixo: os membros da secretaria



O Convênio Interamericano do Café por Cotas é um exemplo do resultado da cooperação entre as Américas. Seus efeitos têm beneficiado extraordinariamente todas as nações do hemisfério, especialmente as quatorze produtoras de café, que tiveram assim melhor estabilidade em suas respectivas economias internas.

A guerra, espalhando-se pela Europa, teve imediatamente seus efeitos sentidos nos países cafeeiros da América. De trinta e cinco a quarenta por cento dos mercados mundiais do café ficaram cerrados. Em princípios de 1940, os preços tiveram uma baixa sem precedentes e os fazendeiros viram-se em precária situação, verdadeiramente insustentável. O câmbio piorava consideravelmente, em detrimento das Repúblicas Americanas, sendo a desastrosa situação do café um dos maiores fatores para isso. As enormes quantidades de café exportável do Brasil e Colômbia são bastante conhecidas, mas de igual importância no conjunto, são os menores países nos quais o café representa elemento predominante no total de suas exportações. Um exemplo é a República do Salvador, cujos embarques de café constituem 90% do valor total da sua exportação. Esta era a situação ao tempo da Segunda Reunião de Consulta dos Ministros de Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, efetuada em Havana, em Julho de 1940.

Enfrentando a urgência do caso, os Ministros aprovaram uma resolução de cooperação econô-

mico-financeira destinada a aliviar a situação. Os poderes da Comissão Consultiva de Economia e Finanças foram ampliados a-fim de permitir que os seus técnicos elaborassem o Convênio Interamericano de Café. A 28 de Novembro de 1940, foi o acordo assinado pelas quinze nações intimamente interessadas.

O objetivo do acordo, conforme consta do Preâmbulo, é "promover a venda metódica do café tendo em vista assegurar condições equitativas para produtores e consumidores por meio da adaptação da oferta à procura". Um aspecto original do acordo é a provisão relativa à representação do consumidor, fato sem precedentes em convênios internacionais. Desta vez não se levou a efeito nenhum dos habituais acordos entre produtores com o intuito de controlar mercados; elaborou-se apenas um plano de longo alcance no qual produtores e consumidores tomaram em consideração as suas necessidades vitais recíprocas. O Convênio, dessarte, estabelece decidido progresso, de alta significação econômica, fato que constituiu também um magnífico exemplo para o resto do mundo. A colisão econômica teve por fim regular o comércio de uma das mais importantes commodities mundiais: o café. Nela tomaram parte o maior produtor do mundo, o Brasil, e os maiores consumidores do mundo: os Estados Unidos. Quinze repúblicas fizeram concessões mútuas e o resultado foi satisfatório para todas.

A BEBIDA AMERICANA

Depois do Convênio maior razão existe para chamar-se a este, o Hemisfério do Café. Dois terços das nações americanas produzem café e todas o consomem.

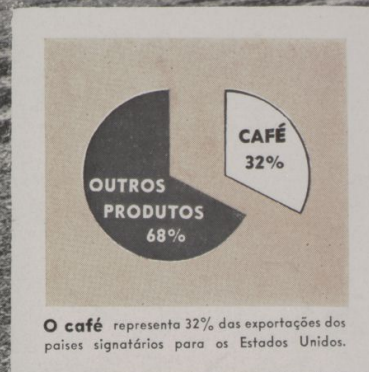
Outro importante aspecto do Convênio foi, conforme indica o seu nome, o estabelecimento de cotas básicas para o mercado dos Estados Unidos. Essas cotas foram distribuídas entre os países produtores por meio de negociações. Uma cota foi igualmente firmada para a importação pelos Estados Unidos de café de procedência fora do Hemisfério. Contemplando o período de após-guerra e a consequente restauração do mercado mundial, o Convênio estabelece uma cota para embarques do café americano para outros pontos, além dos Estados Unidos. Para administrar a execução do acordo, ficou estabelecida a Junta Interamericana do Café, composta de um delegado de cada país signatário. As atribuições da Junta referem-se não somente ao ajustamento das cotas como a assuntos referentes ao problema da superprodução. Os países produtores de café tiveram também a enfrentar a crise dos transportes marítimos. Estes ficaram a prêmio, em consequência da guerra e da crescente necessidade de transportes para material estratégico entre as Américas. A Junta do Café, através de uma de suas resoluções, solicitou aos Estados Unidos providências no sentido de facilitar na altura do possível o transporte para permitir a sa-

tificação das cotas. A-fim de remediar a situação concordou-se que todos os países exportadores embarcassem até 15% em excesso de suas respectivas cotas, antes de terminar o ano regular das cotas. Tais aumentos, que são descontados das cotas no ano seguinte, proporcionam aos exportadores o uso do transporte marítimo sempre que possível.

Um acréscimo recente de 5% nas cotas de café foi aprovado pela Junta. A razão foi o aumento do consumo pelos Estados Unidos, como consequência direta do aumento dos efetivos militares. Embora sejam os Estados Unidos os maiores importadores por quantidade, não são os maiores consumidores per capita. Contudo, o termo médio do consumo da população dos Estados Unidos tem crescido recentemente de 13 a 15 pontos por ano.

Os resultados do Convênio Interamericano do Café têm sido concretos e práticos. O poder aquisitivo do público consumidor nos países cafeeiros tem aumentado. O seu comércio em geral tem lucrado com o aumento na renda do café, proporcionando decisiva melhoria no câmbio, com relação ao dólar, firmando com isso melhores bases comerciais recíprocas.

O Convênio Interamericano do Café permanece como um dramático exemplo da ação pronta e efetiva do Hemisfério em face duma situação de emergência. E a prosperidade dele resultante, para ser duradoura deve ser mútua.

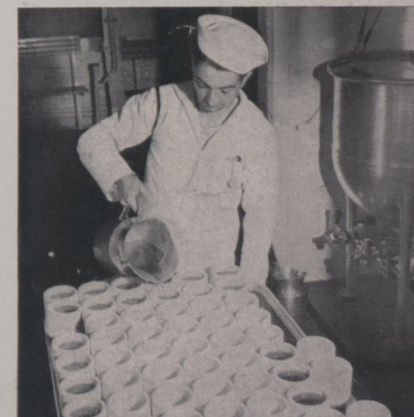


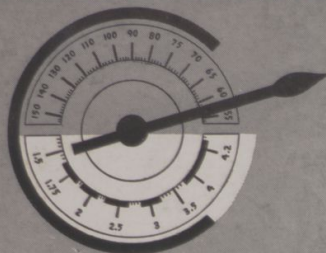
A lavoura e o comércio do café proporcionam meio de subsistência a milhões de pessoas em quatorze Repúblicas Americanas. O Convênio Interamericano do Café foi estabelecido com o fim de proteger esses trabalhadores contra as consequên-

cias da crise no mercado mundial do café. O sucesso da medida pode apreciar-se pelo fato de achar-se o preço do produto em alta contínua desde que foi assinado o convênio, a 28 de Novembro de 1940, pelos países produtores de café



A famosa rubiácea é bebida de consumo universal, indispensável tanto para os civis como para as forças combatentes





NOTÍCIAS MUNDIAIS

em Português

Transmitidas por ondas curtas dos Estados Unidos da América
por antenas dirigidas às outras Repúblicas Americanas
(Estes programas estão sujeitos a mudanças devido à situação internacional)

Horários de todos os programas de
ondas curtas, incluindo os de
NOTÍCIAS acima referidos, serão
enviados quinzenalmente a qualquer
ouvinte que faça o pedido ao
Coordinator of Inter-American
Affairs, Commerce Building,
Washington, D. C., Estados Unidos

As estações de ondas curtas que transmitem os programas de NOTICIÁRIO abaixo
mencionados muito apreciarão receber comentários ou sugestões dos senhores ouvintes de
qualquer parte do mundo. Quando escreverem, queiram fazê-lo para os endereços seguintes:

WCBX ————— Columbia Broadcasting System, New York City
WGEA—WGEO ————— General Electric Company, Schenectady, N. Y.
WRCA—WNBI ————— National Broadcasting Company, New York City
WBOS ————— Westinghouse Radio Stations, Inc., Boston, Mass.
WRUS—WRUL—WRUW—World Wide Broadcasting Foundation, Boston, Mass.

SINTONIZAÇÕES

Hora do Rio de Janeiro	Dias em que Cada Emissão de NOTÍCIAS é Feita em Português	Mega- ciclos	Metros	Estação
16:30	Diariamente	15,33	19,6	WGEO
17:00	Diariamente	15,27	19,6	WCBX
18:00	Diariamente	9,55	31,4	WGEA
"	Diariamente	9,53	31,5	WGEO
18:15	Domingos e Sábados	9,55	31,4	WGEA
"	Domingos e Sábados	9,53	31,5	WGEO
18:30	Dos Domingos às Sextas-Feiras	9,55	31,4	WGEA
"	Dos Domingos às Sextas-Feiras	9,53	31,5	WGEO
"	Diariamente	17,78	16,9	WNBI
"	Diariamente	11,87	25,3	WBOS
19:00	De Segundas-Feiras aos Sábados	11,89	25,2	WNBI
"	De Segundas-Feiras aos Sábados	11,87	25,3	WBOS
19:45	Diariamente	15,27	19,6	WCBX
20:00	Sábados	15,27	19,6	WCBX
"	Diariamente	9,55	31,4	WGEA
"	Diariamente	9,53	31,5	WGEO
"	Diariamente	9,67	31,0	WRCA
"	Diariamente	11,89	25,2	WNBI
20:15	Diariamente	9,55	31,4	WGEA
"	Diariamente	9,53	31,5	WGEO
21:00	De Segundas-Feiras aos Sábados	6,04	49,6	WRUS
"	De Segundas-Feiras aos Sábados	9,07	30,9	WRUL
"	De Segundas-Feiras aos Sábados	11,73	25,6	WRUW
21:45	Diariamente	15,27	19,6	WCBX
"	De Segundas-Feiras aos Sábados	6,04	49,6	WRUS
"	De Segundas-Feiras aos Sábados	9,07	30,9	WRUL
"	De Segundas-Feiras aos Sábados	11,73	25,6	WRUW

